D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA




financiado com
catarse
CAMPANHA
ADOTE
UMA PÁGINA
D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA
R$ 10,00
(MENSAIS)

click aqui

Around the World



#10

BRAZIL - 2020

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

EXPEDIENTE - Revista D-arte
Diretores de Redação : Wilson Inacio, Ronilson Rony

Site: dartelondrina.wordpress.com
Email: dartelondrina@gmail.com
Instagram: @dartelondrina

Realização

Wilson Inacio - Arte & Design

Ronilson Rony

Apoio cultural

BATUQUE NA CAIXA

I.C.A.B Instituto Cultural Arte Brasil

Saudações! Apresentamos nossa 10ª edição da Revista D-arte. Lembramos a todos os leitores que a revista se apresenta de forma interativa, clicando nos ícones e links serão direcionados para as páginas e redes sociais dos artistas. Buscamos mais uma vez, de forma democrática , receber os trabalhos dos artistas, grupos, escritores, autores, pesquisadores e afins, sem qualquer pré-julgamento possibilitando que este ambiente seja plural, diversificado e livre.

email para envio de materiais:
dartelondrina@gmail.com.

Nossas publicações operam de forma independente e, para mantermos o trabalho, disponibilizamos o projeto em financiamento coletivo. Interessados em colaborar financeiramente com esta empreitada podem fazer doações no link

Catarse

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para serem divulgados em nossas edições, sem nenhum ônus ou seleção por intermédio de editais.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos.

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico: https://dartelondrina.wordpress.com/



MIS Experience | Leonardo da Vinci Digital



A exposição Leonardo da Vinci – 500 anos de um gênio ganhou uma versão digital. No ambiente online, será possível passear por todas as áreas da exposição, incluindo a sala imersiva Sensory4™, com imagens em 360 graus, em uma imersão completa com experiências em realidade aumentada de objetos expostos no espaço físico, além de vídeos com conteúdos que revelam aspectos curiosos do artista renascentista. Lives exclusivas com a equipe do Educativo completam a experiência.

A exposição digital Leonardo da Vinci – 500 anos de um gênio tem o patrocínio de Cielo e Sabesp.

Os ingressos custam R$20 e dão direito a 24 horas de uso da plataforma a partir do primeiro acesso.

Saiba todos os detalhes e adquira o seu. clicando aqui



O MIS está com inscrições abertas para mais de 30 cursos online. São opções em diversas áreas do conhecimento: cinema, HQ, fotografia, videoclipes, séries, história da arte e música. Dentre os destaques, estão as inúmeras alternativas nas áreas de fotografia e produção de roteiro. Todos os cursos serão realizados na plataforma Zoom Cloud Meetings, no valor de R$ 120 cada.

Confira abaixo todas as opções:

FOTOGRAFIA

- Iluminação na fotografia
De 21 a 30 de setembro

- Enquadramento e composição fotográfica
De 24 de setembro a 1 de outubro

- Fotografia criativa: um ponto de partida I
Turma 2, de 21 a 30 de setembro

- Fotografia de paisagem
Turma 2, de 1 a 13 de outubro

- Fotografia criativa: um ponto de partida II
Turma 2, de 5 a 19 de outubro

- Fotomontagem: expressão, forma e realidade social
De 06 a 15 de outubro

- A fotografia nas redes sociais
De 07 a 21 de outubro

CINEMA

- O cinema de Alfred Hitchcock (três módulos)
Módulo III, de 22 de setembro a 1 de outubro

- A história do cinema de horror (quatro módulos)
II - O renascimento do horror (1960 -1970), de 16 a 25 de setembro
III - O horror pop e as superproduções (1980-1990), de 30 de setembro a 9 de outubro
IV - O horror contemporâneo (2000-2010), de 14 a 23 de outubro

- A importância do figurino nos filmes
De 6 a 15 de outubro

- Cinema da América Latina: perspectivas estéticas e políticas (2 módulos)
Módulo I, de 06 a 15 de outubro
Módulo II, de 20 a 29 de outubro

MÚSICA

- Introdução à Discotecagem Digital
De 21 a 30 de setembro

- Criando um videoclipe (3 módulos)
I – Videoclipe independente, de 24 de setembro a 06 de outubro
II – Videoclipe feito em casa, de 08 a 20 de outubro
III – Videoclipe profissional, de 22 de outubro a 03 de novembro

- Conversação guiada em inglês – Let's talk about Björk, de 13 a 28 de outubro

HQ E GEEK

- Sandman – um passeio pelo reino dos sonhos
Gaiman e sua criação - Turma 2, de 14 a 24 de setembro
Entrando no Sonhar, Turma 1, de 5 a 19 de outubro

- Vilãs na Fantasia
De 9 a 30 de outubro

ROTEIROS E ESCRITA CRIATIVA

- Escrita criativa – escrevendo melhor seu texto
Turma 3, de 19 a 28 de outubro

- Formatação de roteiro audiovisual
De 22 de setembro a 01 de outubro

- Roteiro de cinema para escritores e dramaturgos
De 23 de setembro a 5 de outubro

- Como criar personagens para séries e filmes
De 28 de setembro a 8 de outubro

HISTÓRIA DA ARTE

- História da arte (5 módulos)
II – Arte Medieval: a conversa entre religião e visualidade, de 28 de setembro a 09 de outubro
III – Renascimento, de 16 a 26 de outubro
IV – Maneirismo, Barroco e Rococó, de 30 de outubro a 13 de novembro
V – Arte séculos XVIII e XIX: o academicismo na construção do nacionalismo, de 16 a 27 de novembro

- História da arte na África
De 16 a 28 de setembro

- História Social da Arte I: Renascimento
De 29 de setembro a 8 de outubro

- História Social da Arte II: Maneirismo e Barroco
De 19 a 28 de outubro

MODA

- Moda, estilo e consumo consciente
Turma I, de 22 de setembro a 01 de outubro
Turma 2, de 05 a 19 de outubro

E-BOOK

- Como organizar e tornar seu e-book atrativo, de 20 de outubro a 10 de novembro

O #MISemCasa acontece em conjunto com o #Culturaemcasa, desenvolvido pela Secretaria de Cultura, por conta da orientação do Centro de Contingência do Covid-19, que determinou que os equipamentos culturais do Governo do Estado de São Paulo tenham o seu funcionamento temporariamente suspenso.

O MIS conta com patrocínio máster de Youse, patrocínio de Kapitalo Investimentos, Denso e Cielo, e apoio institucional de TozziniFreire Advogados.

Inscrições clicando aqui





Seminário EMERGÊNCIA e RESISTÊNCIA – Pedagogias Radicais

Seminário EMERGÊNCIA e RESISTÊNCIA – Pedagogias Radicais, série de encontros online abertos e gratuitos sobre pedagogias experimentais no ensino das artes contemplando, não só o contexto regional carioca, como o brasileiro e o latino-americano. O seminário antecipa o lançamento de nova publicação feita pelo Instituto Rubens Gerchman sobre o projeto pedagógico-artístico de Rubens Gerchman (1942-2008), fundador e gestor da EAV Parque Lage nos anos 70.

O primeiro encontro, nesta quarta-feira, dia 16 de setembro, se debruça sobre as pedagogias nas artes dentro do campo das experiências latino-americanas, e conta com a participação de Marcelo Campos (BRA), Inés Katzenstein (ARG), Felipe Mujica (CHI), com provocações de Raquel Barreto (BRA), Santiago Navarro (ARG) e Paola Santoscoy (MEX), e com mediação do curador da EAV Parque Lage, Ulisses Carrilho. Algumas das apresentações serão em espanhol. Os encontros seguintes se concentram nas experiências brasileiras (14 OUT); cariocas (4 NOV), e nas escolas enquanto projetos de artistas (25 NOV), e o horário dos encontros é sempre de 15h às 17h.

Experiências Latinas coloca em pauta experiências de países do SUL latino-americano, focando nos exemplos históricos que surgiram na América Latina entre as décadas de 1950-1970, época que marcou o continente pelo repressão política. Os participantes oferecem suas releituras através da perspectiva de suas pesquisas e atuações profissionais. Este ciclo reunirá apresentações em português e espanhol. Reflexões críticas são elaboradas pela coletiva de pesquisa curatorial NaPupila.
Para mais informações, acesse nosso site.

www.eavparquelage.rj.gov.br

O Seminário online é gratuito e com acesso livre. Acesse ao vivo pelo nosso canal do YouTube.

Concepção e organização:
EAV Parque Lage em parceria com Instituto Rubens Gerchman com Isabella Rosado Nunes.

cursos@eavparquelage.org.br - Tel 21 2334-8201

Rua Jardim Botânico, 414
Jardim Botânico
Rio de Janeiro - RJ


ALMALONDRINA
rádio web


#ouça
RÁDIO
ONLINE

Festival ‘NaLata’

colore SP com mais de 3 mil m² de graffiti



@Nalata-Festival/Facebook

https://catracalivre.com.br/agenda/nalata-festival-internacional-de-arte-urbana-sp/

Mostra de arte urbana reúne 15 artistas, que transformaram a região de Pinheiros no maior museu brasileiro de graffiti a céu aberto!
Você sabia que SP é conhecida como a capital mundial do graffiti? Sim! E nossas ruas cinzentas ganharam ainda mais cores, traços e belas formas na primeira edição do “NaLata – Festival Internacional de Arte Urbana“, que pintou mais de 3 mil metros quadrados na região de Pinheiros.

As obras, feitas por 15 artistas brasileiros e estrangeiros, já podem ser conferidas em vários pontos desse bairro, que, graças à ação, se transformou no maior museu brasileiro de graffiti a céu aberto.

Entre os artistas selecionados pela curadoria do festival, estão Alex Senna, Enivo, Evol, Marcelo Eco, Mari Mats, Mateus Bailon, Pri Barbosa, Rafael Sliks e Speto.

Já Selon, Thiago Nevs, Pixote Mushi, Fe Ikehara e Serifa foram escolhidos para pintar os murais por meio do concurso “Novos Talentos Murais SP”.



Os graffitis de Mateus Bailon e Paola Delfín podem ser conferidos na Rua dos Pinheiros, 1474

Confira abaixo o endereço de todas as obras pintadas no festival “NaLata”:

– Rua dos Pinheiros, 1474.
Artistas: Mateus Bailon, Paola Delfín, Gleo e Pri Barbosa
– Rua dos Pinheiros, 1475.
Artistas: Pixote Mushi
– Av Faria Lima, 1134.
Artistas: Selon e Marcelo Eco
– Rua Artur de Azevedo, 985.
Artistas: Alex Senna e Selon
– Rua Capitão Prudente, 151.
Artista: Mari Mats
– Rua Campo Alegre, 60. Artista: Enivo
– Rua Dos Pinheiros 2767. Artista: Thiago Nevs
– Largo da Batata (metrô). Artistas: Sliks e Evol

“NaLata”
Com curadoria e idealização de Luan Cardoso, o festival “NaLata” deve ganhar uma primeira edição com formato presencial em 2021. A proposta do evento é oferecer para a população a oportunidade de ter uma vivência de arte urbana e ainda conhecer o trabalho de muralistas importantes de todo o mundo.

VISITE A EXPOSIÇÃO VIRTUAL

Expo 360º ‘Regra de Três’ reúne graffitis para curtir em casa



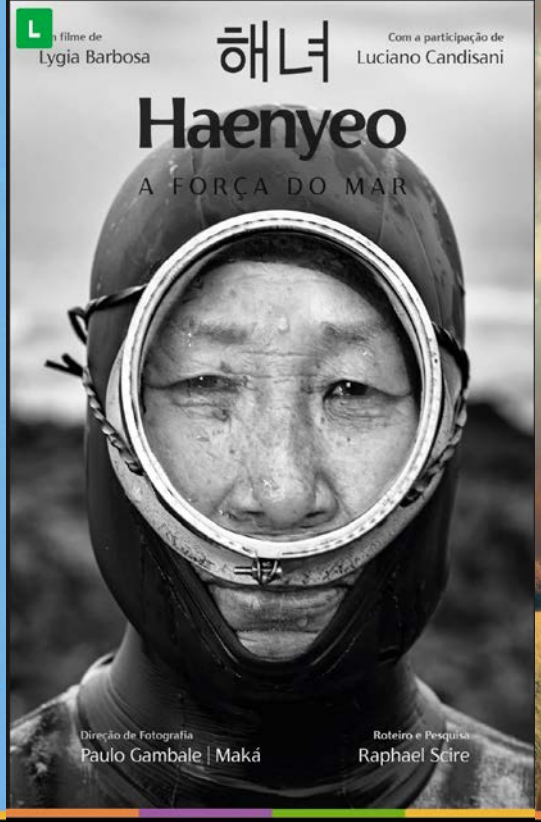
O melhor do cinema internacional à disposição de todos, sem precisar sair de casa, e de graça. Essa é a proposta da primeira Mostra Internacional de Cinema Virtual de São Paulo, uma iniciativa da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e da Secretaria de Relações Internacionais, em parceria com a organização Amigos da Arte e que contou com o apoio de Embaixadas, Consulados e Institutos Culturais na composição da programação. O evento inédito ocorre entre os dias 1 e 30 de setembro e exibirá 33 filmes de 21 países.

Toda a programação será exibida diariamente pela plataforma #CulturaEmCasa, às 19h e às 22h. A mostra apresentará uma seleção de filmes produzidos nos últimos cinco anos nas categorias de ficção, animação e documentário, de curta e longa-metragem.



21/09 ÀS 22H

BRAÇO DE DIAMANTE
COMÉDIA | RÚSSIA



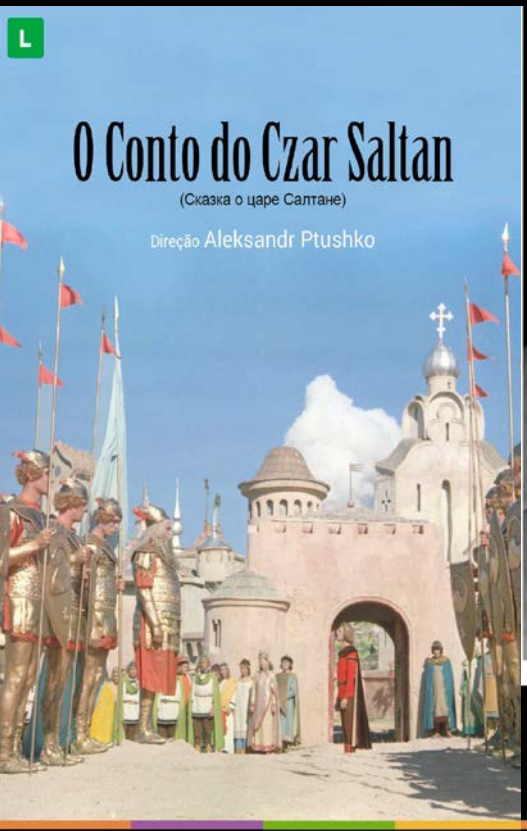
20/09 ÀS 19H

HAENYEO, A FORÇA DO MAR
DOCUMENTÁRIO | COREIA



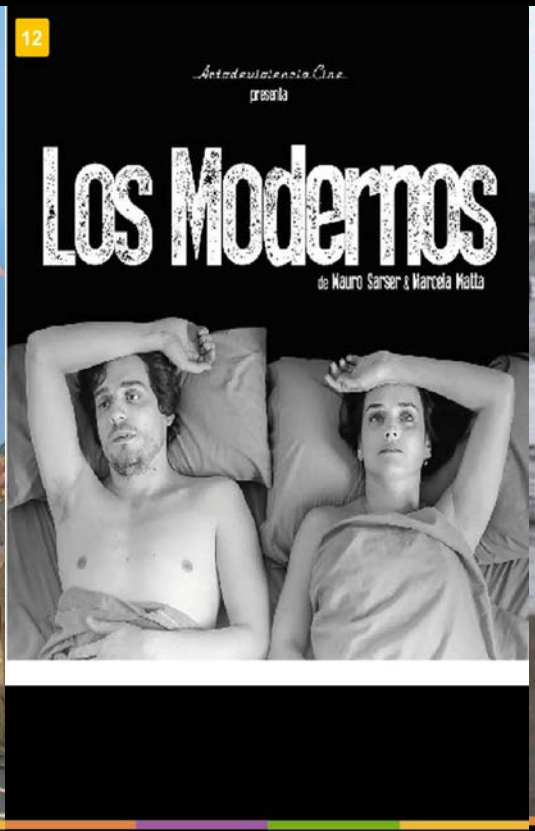
21/09 ÀS 19H

O CAMINHO PARA BERLIM
AÇÃO/GUERRA | RÚSSIA



23/09 ÀS 22H

O CONTO DO CZAR SALTAN
FANTASIA | RÚSSIA



23/09 ÀS 19H

OS MODERNOS
DRAMA | URUGUAI



24/09 ÀS 19H

THE BLACK CREOLES
DOCUMENTÁRIO | NICARÁGUA

https://culturaemcasa.com.br/mostra-internacional-de-cinema/

Indiaroba é um dos primeiros municípios brasileiros a aprovar o plano de ação na Lei Aldir Blanc



Divulgação

Indiaroba é um município no Sul do Sergipe com cerca de 16 mil habitantes e com uma cultura muito forte de grande tradição como o samba de coco, as quadrilhas juninas, o lambe sujo e a literatura de cordel.

A cidade que tem apostado no turismo, culinária e cultura vai receber cerca de 150 mil reais através da Lei Aldir Blanc para auxílio emergencial de espaços e abertura de prêmio cultural e foi a primeira cidade do Sul Sergipano a ter seu plano de ação aprovado.

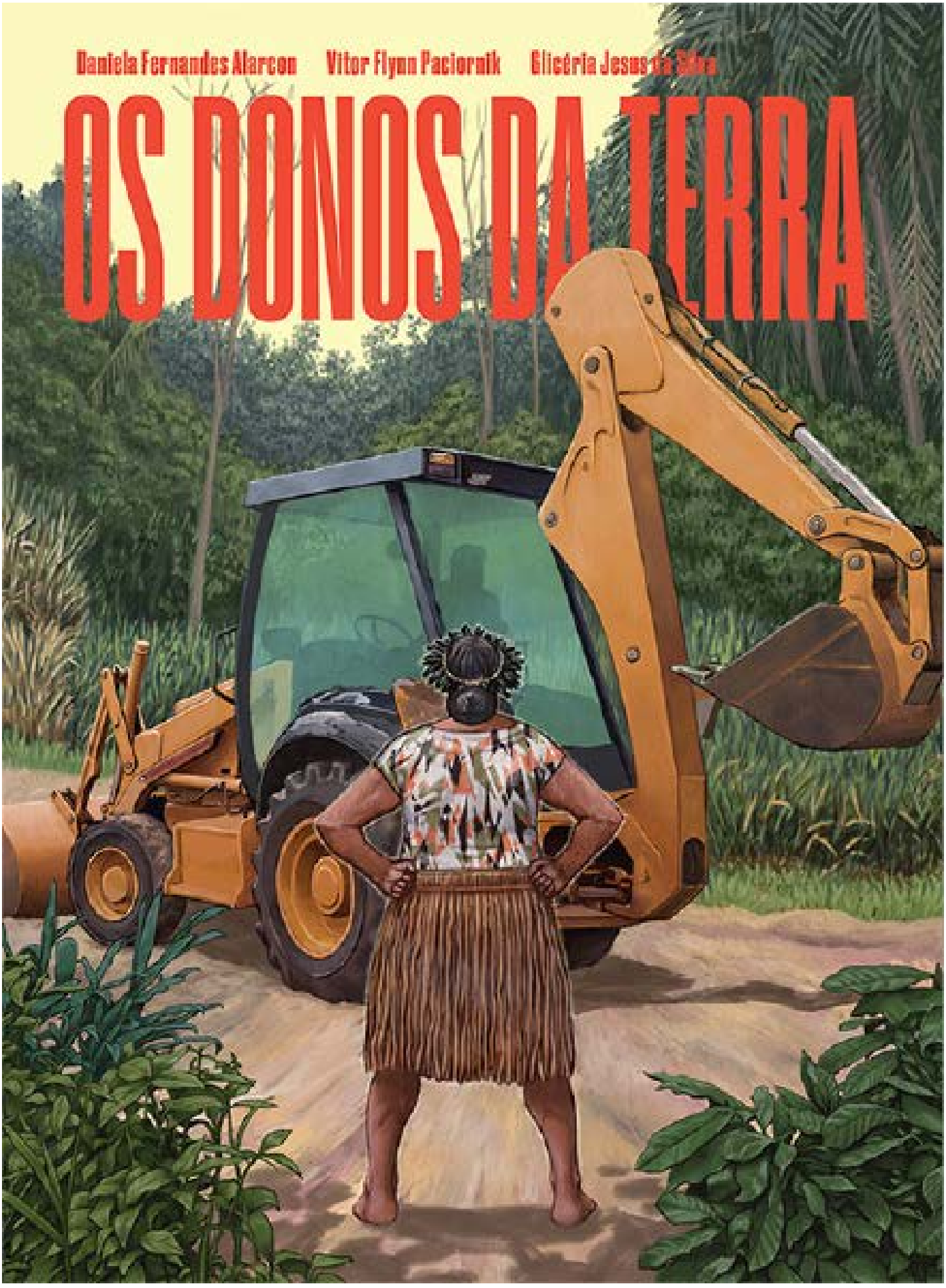
Solange Lima é a secretária de Cultura, Esportes e Juventude e seus diretores são Reinaldo Martins Gomes, Antônio Leandro, José Ronaldo Costa e Hamilton Rafael. Aldo Moraes, escritor, músico e jornalista e que participou ativamente na criação da Lei é o consultor da cidade no processo de implantação.

O atual prefeito, Adinaldo dos Santos tem dado grande valor à cultura e ouvido a comunidade artística em suas demandas. A proposta de prêmio cultural é justamente valorizar e reconhecer os artistas, grupos e as práticas culturais de relevância histórica e social no município.





A resistência Tupinambá, agora em quadrinhos



Baseado em uma pesquisa antropológica de fôlego, Os donos da terra aborda episódios históricos e recentes da luta dos Tupinambá da Serra do Padeiro, no sul da Bahia, pela recuperação dos territórios ancestrais dos quais foram expulsos pelo avanço da colonização — que continua até hoje. Entre mobilizações e retomadas, operações da Polícia Federal e ações paramilitares, prisões de lideranças e a violência passada e presente dos poderes locais, esta HQ revela aspectos da memória, da visão de mundo e da cultura de um povo que, guiado pela sabedoria dos antepassados e dos encantados, e unido por fortes laços comunitários, resiste ao esbulho territorial e à batalha simbólica que nega sua origem indígena e seus direitos constitucionais. As sete narrativas deste livro abrem uma janela pela qual é possível começar a conhecer uma gente que não abaixa a cabeça e, todos os dias, constrói possibilidades de um mundo mais justo.

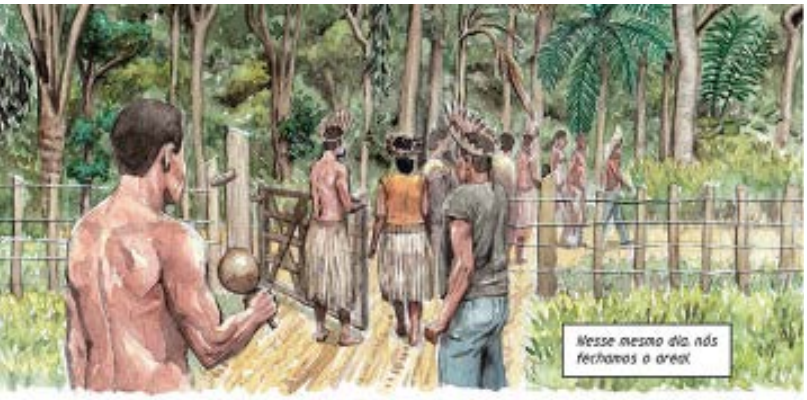
***

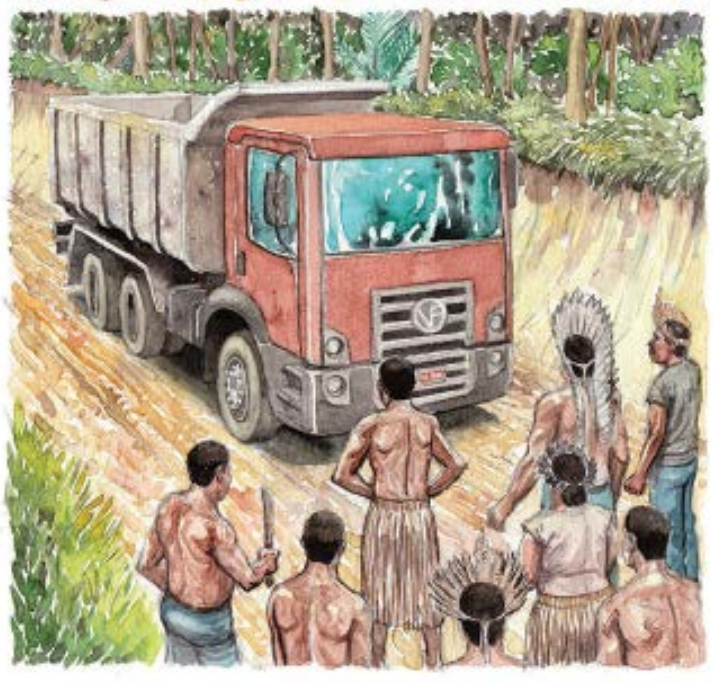
Os donos da terra é um quadrinho de história de indígenas, mas não de uma história de séculos atrás. Os Tupinambá deste livro não apresentam rituais antropofágicos e outros costumes tidos como exóticos. Não, esta HQ narra histórias que se montaram sobre relações de poder existentes hoje no Brasil. Aqui, os indígenas não falam no passado, mas no presente; os Tupinambá destas histórias estão conosco, agora, no sul da Bahia, resistindo na utopia de um futuro. As narrativas que lemos aqui em palavras e imagens são, portanto, sobre os Tupinambá atuais. Elas começam resgatando um símbolo do século XX, a destruição ambiental. Embora se trate, tristemente, de uma versão contemporânea do período da conquista, essas imagens são histórias (re)contadas porque vividas na pele por seus narradores. Se o tema geral da HQ parece ser a mobilização política dos indígenas, não deixa de ser fundamental a costura das narrativas com outros elementos aparentemente antagônicos. Aqui se verá, mais uma vez, a força que tem a cultura religiosa dos Tupinambá na construção da sua luta, expressa nas descrições de ações heroicas e modalidades coletivas de engajamento social. Articulando uma gramática do embate político através de categorias religiosas e experiências extáticas, a dimensão da luta tupinambá aparece com toda a sua profundidade.

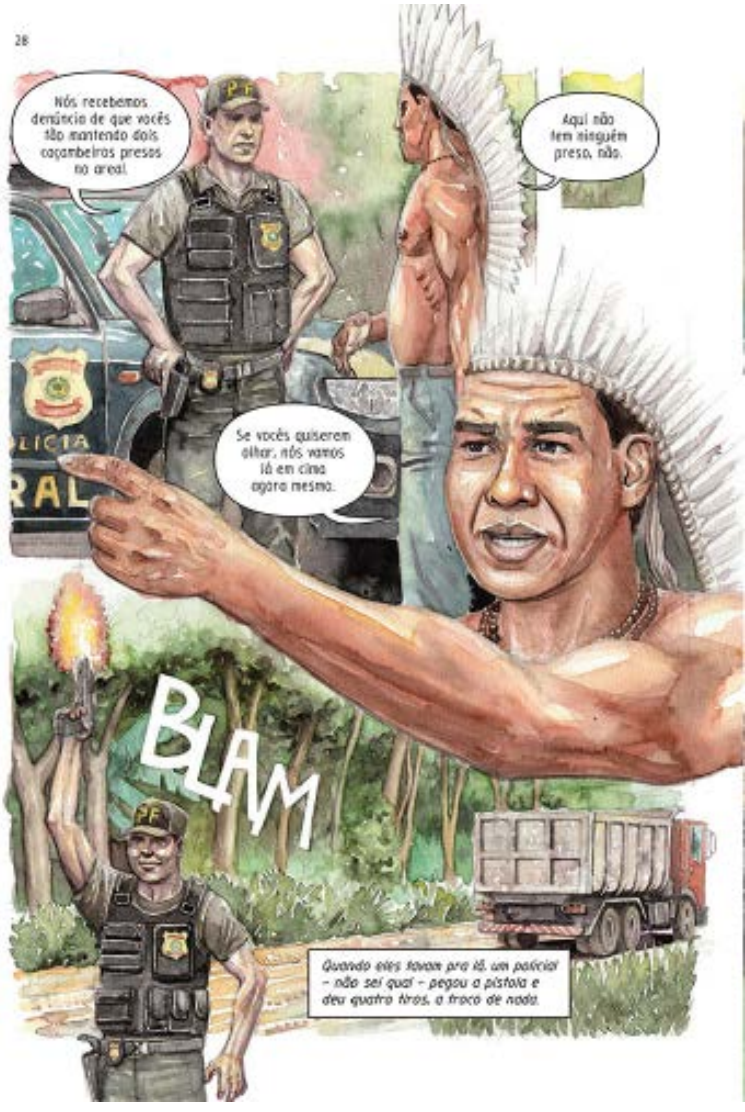
— Marcos Alexandre dos Santos Albuquerque, na orelha

SOBRE OS AUTORES

Daniela Fernandes Alarcon é doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional da







Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) e mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Entre 2017 e 2018, foi pesquisadora visitante no LLILAS Benson Latin American Studies and Collections, University of Texas at Austin. Desde 2010, investiga o processo de recuperação territorial realizado pelos Tupinambá da Serra do Padeiro. Pela Elefante, publicou O retorno da terra: as retomadas na aldeia tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia (2019), a partir de sua dissertação de mestrado, premiada pela Sociedade de Antropologia das Terras Baixas da América do Sul (Salsa). Em 2015, dirigiu o documentário de curta-metragem Tupinambá – O Retorno da Terra.

Vitor Flynn Paciornik é quadrinista e ilustrador, formado em Artes Plásticas e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Em outubro de 2016, publicou pela Elefante, em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo, o livro Xondaro, HQ sobre a luta dos Guarani Mbya pela demarcação de suas terras dentro dos limites da maior cidade da América do Sul. Publicou no começo de 2020 a HQ Aquarela, adaptação de conto de José Roberto Torero, em parceria com André Bernardino, com quem trabalha em um novo livro, Depois que os sinos dobram, coletânea de contos fantásticos em quadrinhos — ambas as obras foram contempladas pelo Programa de Ação Cultural de São Paulo (ProAC). Mantém, desde 2013, o blogue autoral Quadrinhos b, dedicado a histórias curtas.

Glicéria Jesus da Silva, uma das lideranças da aldeia Serra do Padeiro (Terra Indígena Tupinambá de Olivença), é professora no Colégio Estadual Indígena Tupinambá Serra do Padeiro (CEITSP) e cursa Licenciatura Intercultural Indígena junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Com Cristiane Julião, do povo Pankararu, dirigiu o documentário Voz das Mulheres Indígenas (2015), premiado pelo público do Festival Cine Kurumin em 2017. Por sua atuação na luta pela terra, em 2010, foi encarcerada, junto a seu bebê de colo, o que suscitou veementes críticas de entidades do Brasil e do exterior. Em 2019, pronunciou-se na 40ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, em Genebra, denunciando as violações de direitos contra povos indígenas pelo Estado brasileiro.



OS DONOS DA TERRA
R$ 39,90

FRETE COMPARTILHADO (saiba mais)
Entrega em 5 a 10 dias úteis

Os donos da terra

Roteiro: Daniela Fernandes Alarcon

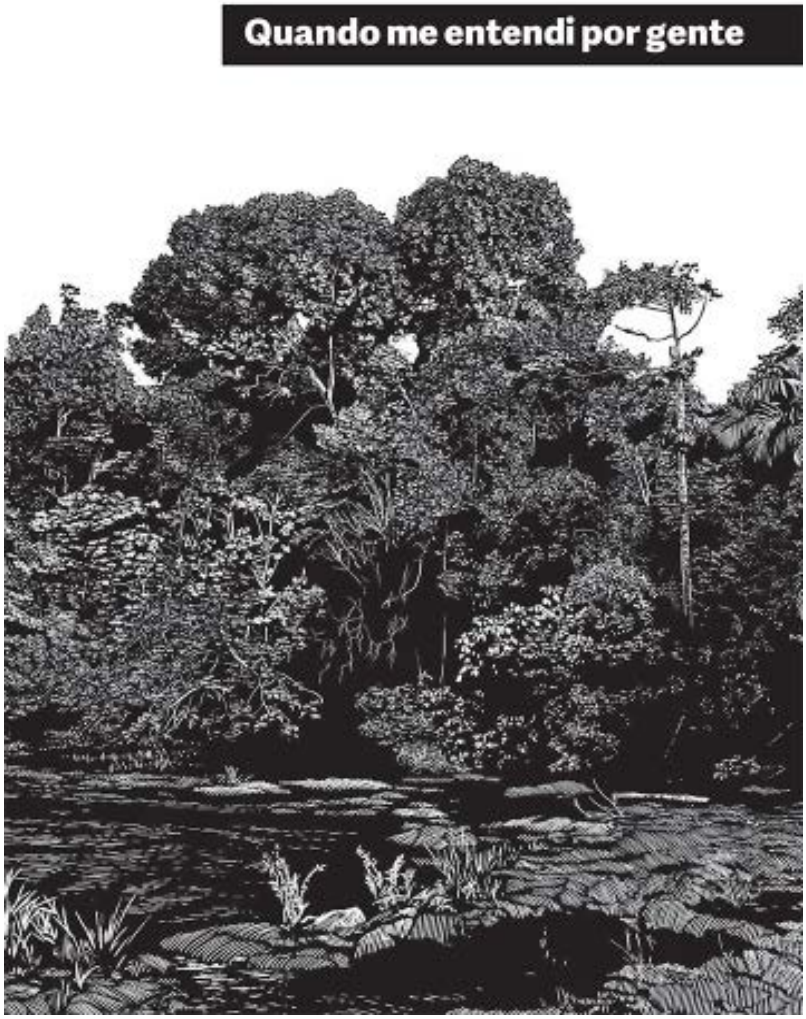
Arte: Vitor Flynn Paciornik

Pesquisa: Daniela Fernandes Alarcon
& Glicéria Jesus da Silva

Edição: Tadeu Breda

Preparação: Natalia Ribas Guerrero

Revisão: João Peres
Capa: Denise Matsumoto
Projeto gráfico: Bianca Oliveira
Lançamento: agosto de 2020
Páginas: 172
Dimensões: 18,2 x 25,5 cm
ISBN: 978-65-87235-20-2



click aqui e adquira ja o seu!

https://www.editoraelefante.com.br/produto/os-donos-da-terra/



https://salaodehumor.com/

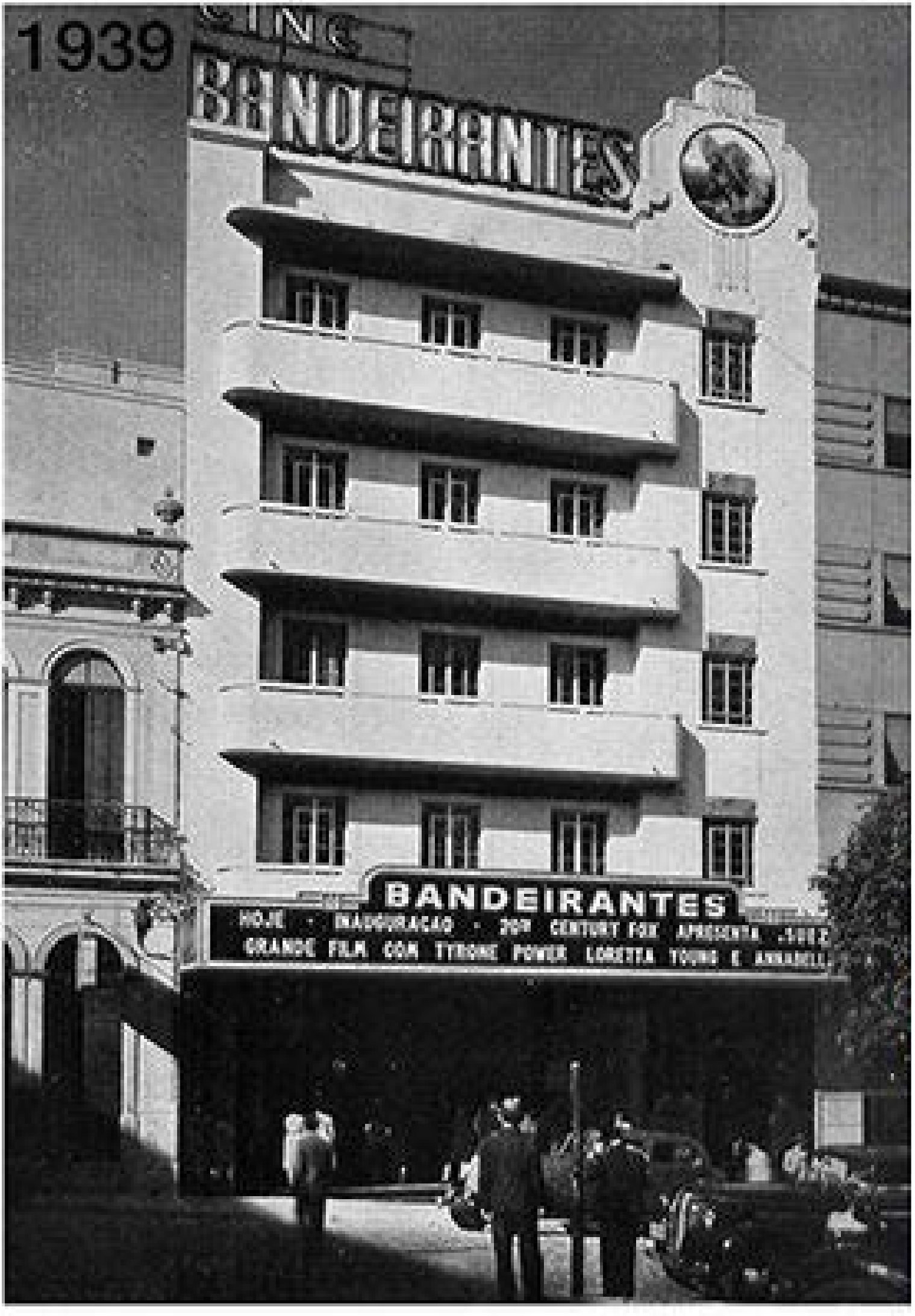
NOSSO PIANISTA DA ÚLTIMA SESSÃO DE CINEMA



Seu nome era Francisco José Gorga, alto, grisalho, terno bem talhado e unhas bem cuidadas. Tinha 64 anos em 1971 e foi o último pianista da sala de espera do Cine Ouro, de São Paulo, onde tocava desde 1964, quando isso já saíra de moda. Elegante e discreto nos gestos e atitudes, nasceu em 28.8.1907, em Porangaba (SP) e tocava para distrair os frequentadores antes das sessões de filmes das 8 e 10 da noite. As fitas ali exibidas eram normais, embora já estivéssemos há anos-luz da era do cinema mudo, onde esse costume fora tradição e tinha consagrado grandes nomes da nossa música como Heitor Villa-Lobos e Ernesto Nazareth, que ali começaram a tocar em público. Recebia um salário mensal de 900 cruzeiros, hoje equivalentes a R$ 6.000,00, grana suficiente para equilibrar suas finanças.

Sentado no banquinho do piano Beckstein de meia cauda, tinha "jogo de cintura" para tocar de tudo, de Chopin ao "dernier cri" de Roberto Carlos, da época ("Quero que tudo vá pro inferno"), este com arranjos de sua autoria, recurso periférico para agradar a gregos e goianos. Também escrevia em jornais sobre música, sua arte e paixão. Orgulhava-se de ter sido amigo de Villa-Labos e ter trabalhado, de 1933 a 1950, na Rádio Record de São Paulo. Filho de italianos, casado e pai de dois filhos, estudou na Itália e enfrentou uma plateia pela primeira vez, em 1925, numa boate chamada Scala, passando, depois, por rádios e teatros de vários estados brasileiros

Tocava no Cine Ouro, de 1.700 lugares, único a ter o privilégio de oferecer estes minutos de agradáveis sonoridades aos seus frequentadores, antes das sessões, pela última vez, no Brasil. Aquele cinema passara por um verdadeiro "banho de butique": sua reforma custou uma nota mas deu-lhe ares de prédio colonial, decorado com motivos bucólicos de Ouro Preto, cidade que tanto encantava os europeus que aqui


1939
BANDEIRANTES
BANDEIRANTES
HOJE - INAUGURACAO - 20th CENTURY FOX APRESENTA
GRANDE FILM COM TYRONE POWER LORETTA YOUNG E ANNABELL



nos visitavam. Ostentava imitações de estátuas de Aleijadinho, sólido vigamente em madeira nobre no teto, sugerindo arquitetura centenária, tapetes grossos e cópias fiéis de portas e janelas dos velhos sobrados de Minas. Seu gerente trajava impecável smoking e nosso pianista anunciava aos senhores assistentes o que iria tocar e mandava ver, antes de o filme começar. Só conheceu um dissabor no seu "metier": uma ocasião, um sujeito de maus bofes, entre um número musical e outro, gritou: "Chega!". Mas ele não se deu por achado: "Que bela educação", murmurou, em resposta, com sua elegância natural. A plateia aplaudiu... e ele continuou tocando, ignorando o sujeito.

Paralelamente, também era fiscal de Conservatórios da Comissão Estadual de Música, tendo ensinado, além do piano, violoncelo, harmônica, violão, clarinete e piston. Mantinha coleção de recortes dos jornais em que escrevia, nem todos voltados exclusivamente para a música. Certa vez, teve a ousadia de atacar a concepção de canto orfeônico de Villa-Lobos, o que não lhe deve ter sido fácil. Não sabemos o motivo, mas só gravou uma única composição sua, "Choro em Lá Menor", em 1946. Sabia que isto comprometeria a avalição de sua obra, no futuro, mas nunca demonstrou preocupação com a posteridade, ao tempo em que lamentava que o ensino de música, tantas vezes por ele analisado, fosse ainda muito incipiente, no Brasil.

Lembramos que na época do cinema mudo (Chaplin, Buster Keaton, D. W. Griffith, Harold Lloyd...) até durante a projeção dos filmes podia haver música, sobretudo em países adiantados, como os Estados Unidos e a França, onde uma orquestra tocava na "coxia", fora do olhar do público, durante a projeção. Com o tempo, muitas distribuidoras passaram a produzir e enviar partituras musicais acompanhando os filmes, pelo mundo, para torná-los mais atraentes, realçando passagens mais interessantes deles. Com a chegada do cinema sonoro, em 1927, essas orquestras foram sendo dispensadas. No Brasil, para atrair o público, somente poucas salas (grandes) e de cidades importantes como São Paulo e Rio podiam dar-se ao luxo de contar com um pianista ou outro instrumentista para distrair os espectadores, antes das sessões, na sala de espera.

Infelizmente, não encontramos dados pessoaIs mais recentes sobre o pianista Francisco José Gorga, nem mesmo qualquer registro de quando

teria falecido, embora tenha sido o último pianista de cinema, no Brasil. Isso só confirma nossa falta de memória e desinteresse pelo cultivo e preservação das nossas tradições e registros do passado, evidência notória de país subdesenvolvido, embora, paradoxalmente, cheio de tecnologia de ponta, mas ainda analfabeto de raiz.

Se aqui essa importante figura encontra-se inteiramente soterrada pelos escombros da nossa ignorância, lembramos, por analogia com a histíória do Cinema, que nos Estados Unidos, o diretor Peter Bogdanovich realizou, em 1971, o belo e nostálgico filme "A Última Sessão de Cinema", com um elenco de ponta, chegando a levar alguns Oscars. Extraído da obra de Larry McMurtry e filmado em preto & branco numa cidadezinha do Texas, conta a saga de alguns adolescentes às vésperas da Guerra da Coréia, quando o cinema entrava em decadência com a ascensão da televisão, ressaltando a vida, as diversões, as garotas, a vagabundagem, o tédio, os sonhos desses jovens, numa obra que tem como tela de fundo sugestivas canções do período. Em 2011, decorridos 40 anos do filme, ele foi festejado em evento de repercussão internacional, nos Estados Unidos, reunindo Peter Bogdanovich e todo o seu elenco, numa comovente celebração da vida e do Cinema, como pode ser visto na Internet. Mais importante: devido à sua relevância cultural, histórica e estética, para aquele país, a Livraria do Congresso americano o reconheceu e selecionou, em 1998, para preservação no United States National Fim Registry, que o viu como um tesouro a ser preservado para sempre. Oportuna lição de casa para todos nós, do ex-país do futebol e carnaval, sobretudo nessa época de pandemia, com tempo de sobra para reflexão e estudo, numa época em que nosso temerário e assustador desgoverno chega ao cúmulo de propor absurda elevação dos impostos incidentes sobre os livros, num país com milhões de analfabetos -- mesmo os do andar de cima, registre-se --, grande parte destes frequentando, sem nenhum pudor ou constrangimento, diariamente, nossas mal faladas e tenebrosas redes sociais. Salve-se quem puder!

Nelson Bravo – Juiz de Fora (MG)





https://www.saopauloantiga.com.br/cine-bandeirantes/

mocian
SINTA A BELEZA

Cultura930

PORTAL DE CULTURA

https://www.cultura930.com.br/beltramondo-t10-ep03-exibido-em-31-07-2020/



É preciso mudar tudo!



Irapuã Santana. FOTO: DIVULGAÇÃO

No dia 25 de maio deste ano, o negro americano George Floyd foi assassinado por asfixia, por um policial branco, em plena luz do dia, em Minniapolis, nos Estados Unidos. A morte de Floyd tirou milhões de pessoas de suas casas, durante uma pandemia global, para protestar pelo fim da violência policial contra a população negra ao redor do mundo.

Aqui no Brasil a violência policial é um problema de muito tempo, que tem sido objeto de diversos protestos e denúncias reiteradas.

Para se ter uma ideia, enquanto nos EUA a polícia matou em torno de 1.004 pessoas, sendo 235 negros, no ano de 2019, em nossa pátria mãe nada gentil, o braço armado do Estado matou 5.804 pessoas, sendo 4.353 negros.

A questão racial não pode ser desmembrada do tema da violência policial. A diferença de tratamento é gritante. E os casos ilustrativos

são vários. Mas vamos citar o exemplo de Alphaville, na grande São Paulo, em que um policial foi desacatado por um homem branco, embriagado, que ao se dirigir ao agente disse "Você pode ser macho na periferia, mas aqui você é um bosta".

Como não lembrar da cena de uma mulher com um taco de baseball em uma manifestação pró-Bolsonaro, sendo conduzida gentilmente pelo policial, também na capital paulista. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, apontava-se um fuzil para o rosto de um manifestante desarmado que chorava a morte do menino João Pedro, o adolescente negro, morto em uma operação policial em São Gonçalo?

Nas últimas semanas, uma arma portada pela sociedade tem sido extremamente importante na luta contra esse tipo de injustiça: o telefone celular. Grande parte das pessoas possui um e pode utilizá-lo para denunciar abusos cometidos pelos agentes da lei.

Imagens de policiais violentos que agridem e matam pessoas negras pelo Brasil afora sem motivo algum, vêm surgindo reiteradamente na mídia. É a tecnologia, que ajuda a jogar luz em casos corriqueiros para uma parte da sociedade, que antes vivia essa realidade sozinha, e agora pode compartilhá-la na esperança de que algo mude.

Não podem ser mais toleradas atitudes como as que foram vistas essa semana em Parelheiros, São Paulo, quando uma comerciante teve seu pescoço pisoteado pela bota de um soldado e sua tíbia quebrada em uma abordagem diurna da PM. Esses, não são erros pontuais. Não podemos mais aceitar uma simples declaração de um secretário ou governador lamentando o ocorrido, sem a existência de consequência efetiva.

É preciso ir ao cerne do problema e combatê-lo de frente.

Temos um país racista, com instituições que seguem no mesmo caminho.

Reconhecer esse fato é o primeiro passo para que possamos prosseguir no debate. Depois, é necessário admitir que, por consequência desse racismo, as vidas e os corpos negros são tratados de modo descartável e sem valor.

Somente essa total falta de empatia e ausência de noção de pertencimento tem o potencial para gerar tamanha violência gratuita, repetidamente perpetrada pelas polícias brasileiras.

Como é perceptível, não são fatos isolados, mas sim um conjunto de acontecimentos que são, no mínimo, extremamente coincidentes.

Por isso que é necessário haver uma reforma geral e a produção de uma política antirracista interna na polícia.

Os responsáveis têm que cair, mas que sejam todos: sargento, comandante, secretário e, por que não, o governador. Punir somente quem está na ponta, e manter o sistema como ele é, mostra haver uma relação de cumplicidade, que deve ser extirpada da nossa sociedade.

Fiscalizar as pessoas que colocamos no poder é um dever de todos. Verificar e cobrar o fato de que nossos governantes não têm conseguido manter a população segura e com vida faz parte do papel de todo cidadão, que precisa se sentir seguro e não com medo da polícia, como ocorre com a ampla maioria da população.

Precisamos reformar o modo como o policiamento é realizado para que esse absurdo seja interrompido e não basta mexer na base. É preciso mudar tudo!

***Irapuã Santana, doutor em Direito Processual pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ex-assessor do ministro Fux no STF e no TSE, professor do Centro Universitário de Brasília (Uniceub), consultor jurídico da Educafro e do Livres, membro do Instituto Brasileiro de Direito Processual (IBDP), membro do Centro Brasileiro de Estudos Constitucionais (CBEC), apresentador do programa *Explicando Direito* da Rádio Justiça e procurador do Município de Mauá/SP**



https://www.youtube.com/watch?v=y0XHzBSLX9w

A dica dessa semana é o livro "Incidente em Antares", o último romance escrito por Érico Veríssimo. Numa cidade gaúcha, dominada por duas famílias distintas e afetadas por uma greve generalizada, o impossível ocorre: 7 mortos voltam à vida para reclamar um enterro digno. Não percam essa incrível história na dica de hoje!

Veja a biografia do autor abaixo:
https://enciclopedia.itaucultural.org...

@kellycariolano

#leitura #educação #janelasparaomundo #livro #educacao #leia #leiaparaumacriança #ensino #ensinosuperior #ensinomedio #gruposeb #somogruposseb #dicasdelivros #literatura #coragem #autoconhecimento #inspiração #vergonha

EXPOSIÇÃO VIRTUAL

Pandemia, pandemônio, ou panaceia?

André Lopes

Nivaldo Koeppel

Rafael Augustini

Sirineu Bezerra

Wilson Inacio

André Camargo Lopes

O trabalho trata de uma série de 9 fotografias coloridas montadas com margens brancas de 5 cm (idealizadas e editadas em corte de 35x25 cm).

As imagens foram organizadas em uma sequência, um plano de deslocamento dentro da casa, da cama à cozinha. Um trajeto com o personagem ausente nas imagens.



autor: André Camargo Lopes / 20.06.19

tema:

ELA NÃO VOLTA -
O SILÊNCIO NA CASA QUE CRESCI

SOBRE AS IMAGENS:

As casas morrem com seus donos. É a única certeza que tenho todas as vezes que visito a casa de meus avós
, que teimosamente,insiste em ainda existir à Rua Brigadeiro Franco. Os espaços ainda falam através das fotografias e outros objetos pessoais compartilhados em nossas memórias. O tempo se apossou de tudo. Tudo gastou.



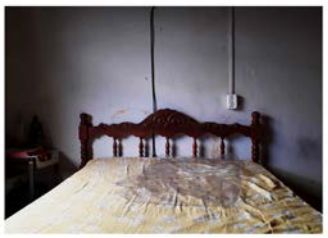








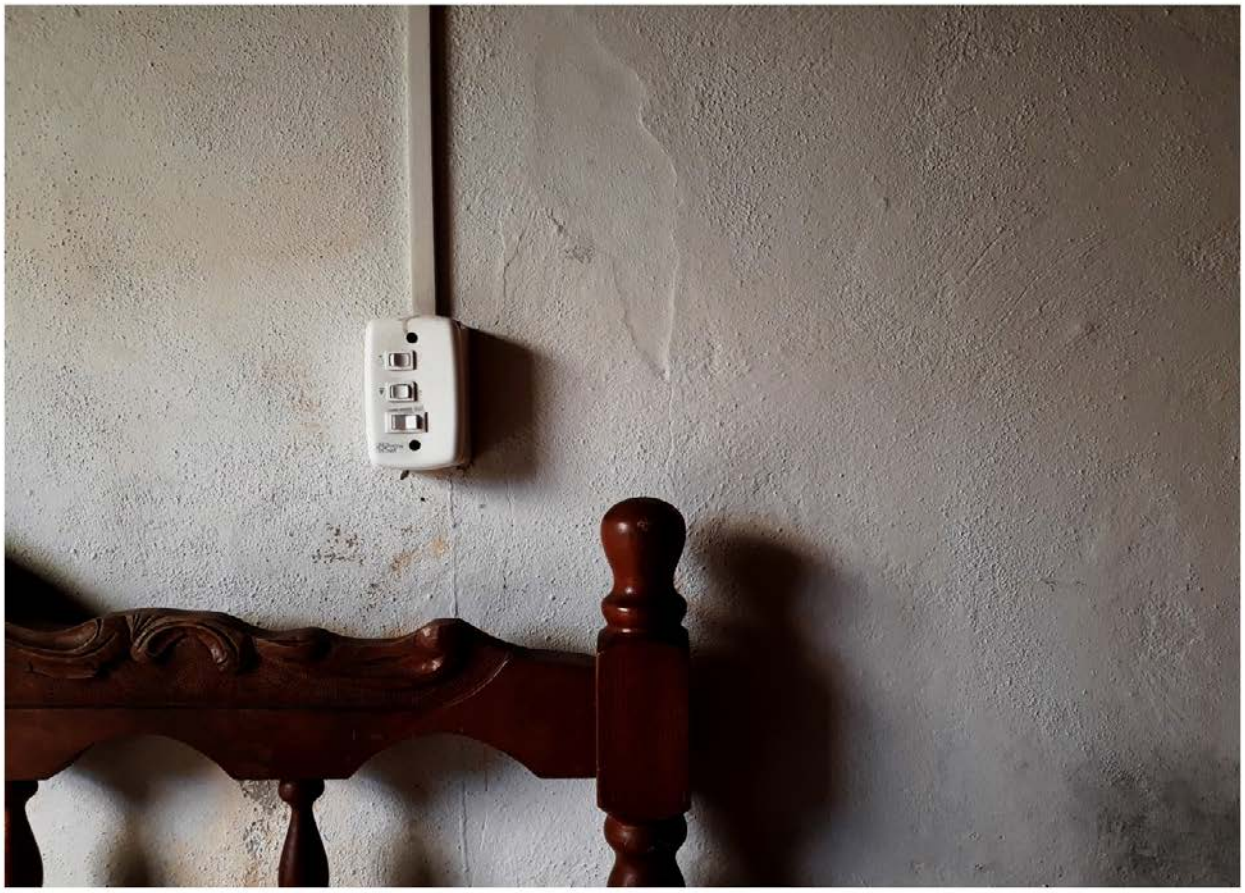




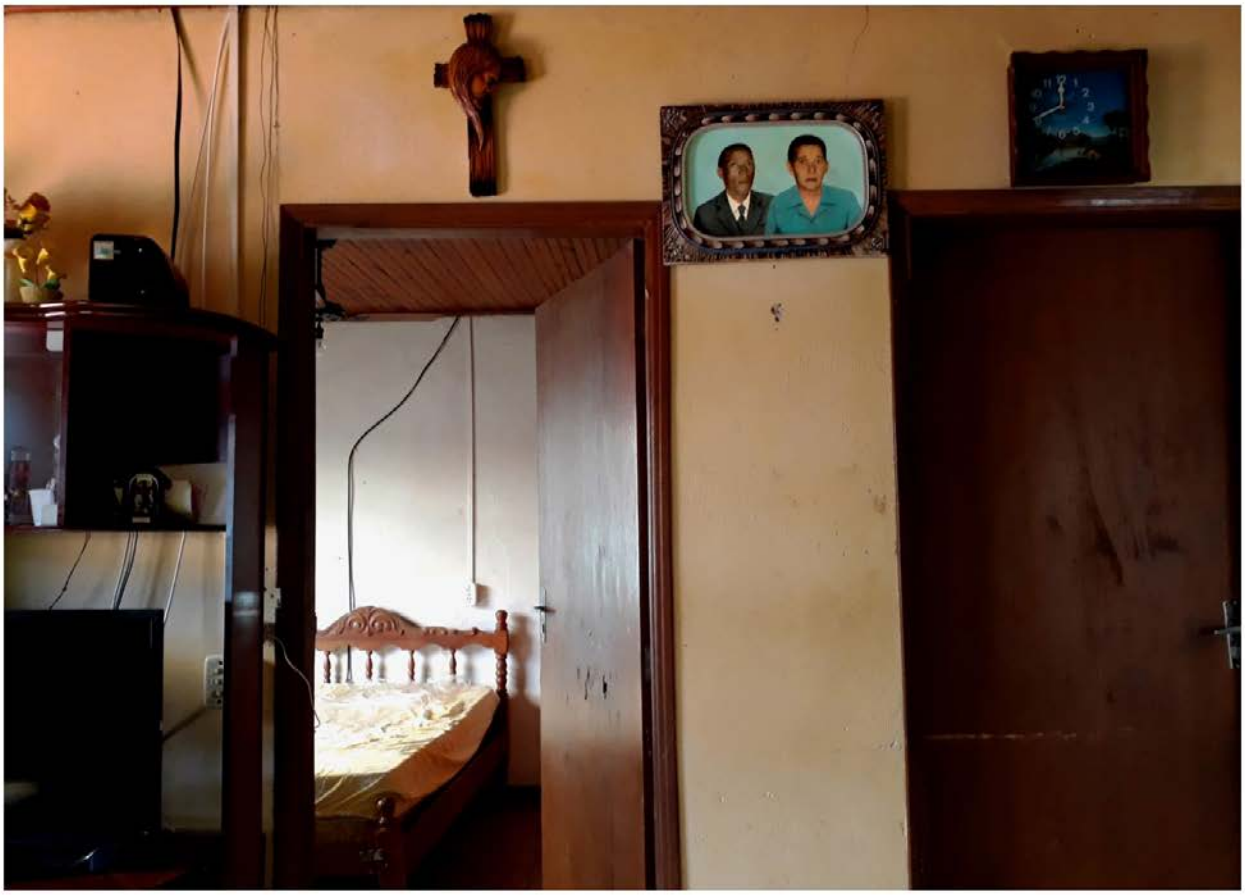




A cama continua arrumada



Acordar não mais



O tempo em e janelas



A árvore de natal ainda espera



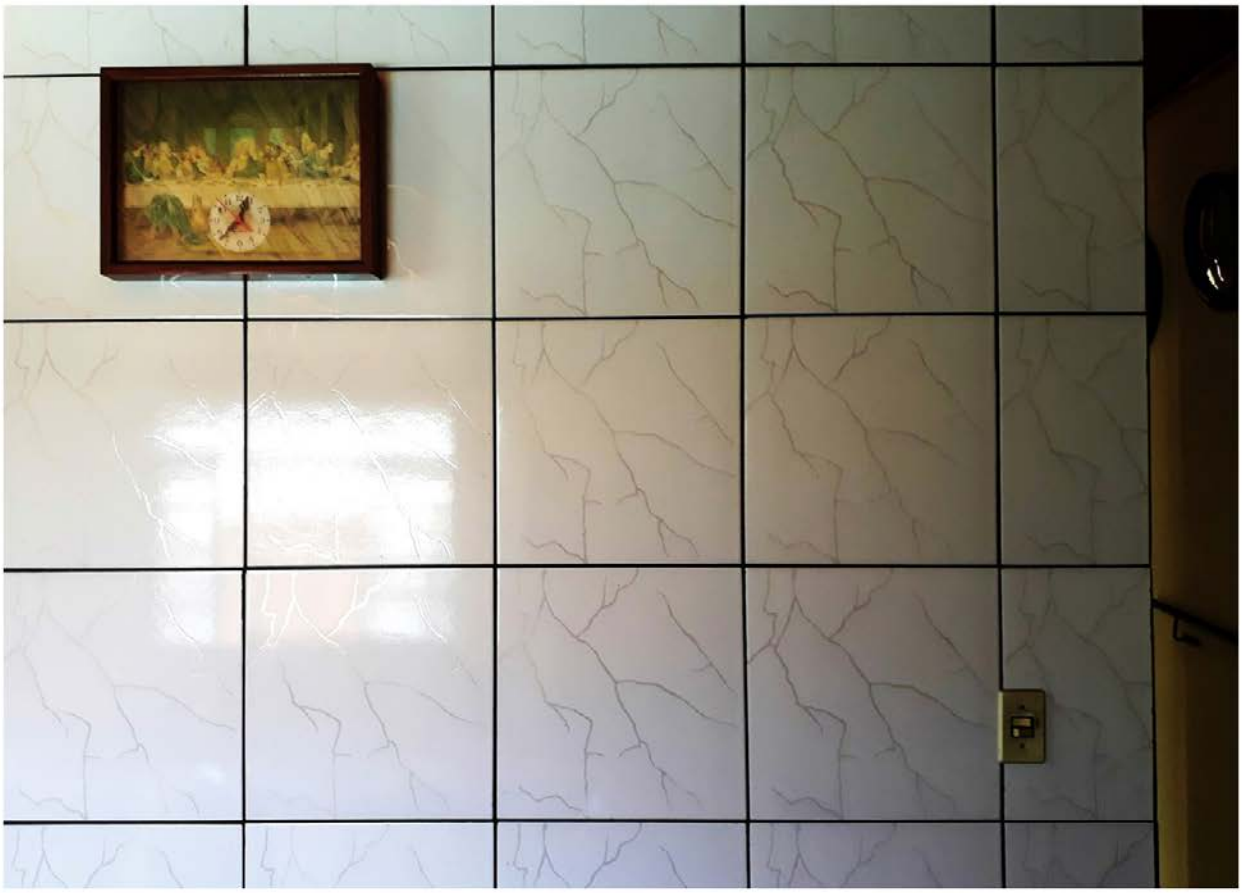
Silêncio



As coisas se acumulam



Tudo continua



O silêncio do café



Ela nao mais usará

Nivaldo Kloppel

Desde criança desenhava, pintava e trocava desenhos por trabalhos de escola com outros colegas.

Aos 14 anos estava trabalhando em agência de propaganda na qual aprendi muito do que sei, após trabalhar muito tempo nesta área fui para empresas nas quais não me adaptei e voltei a trabalhar com comunicação visual.

Sempre produzi brinquedos entalhando madeira, por volta dos meus 30 anos passei a me dedicar a arte com mais frequência, trabalhando somente com esculturas e entalhes em madeira, e dai pra frente fui evoluindo e ampliando meus conhecimentos e fazendo experiências, inclusive trabalhando com argila. Começou a aparecer serviços pra carnavais, comecei a fazer esculturas em isopor e pintando até o ponto de fazer carros alegóricos inteiro, foi então que tive o conhecimento dos materiais reciclados e como sempre tive um apego muito grande pela natureza, passei a trabalhar com esculturas de papel machê, garrafas pet, bandejas de isopor, etc.,

Já na parte de desenho e pintura, trabalho com pirógrafo, serigrafia, xilogravura, grafite, pintura a óleo, acrílica, etc.



Fruta-de-pombo ou chal-chal ALLOPHYLUS EDULIS - Lobo-guará Chrysocyon brachyurus 61 x 39,5

Toda esta parte fui aprendendo sem um curso ou professor (autodidata), foi por pesquisa (livros e conversas) com erros e acertos.

Em 2009 é que fui fazer uma faculdade na qual me formei em artes visuais, por necessidade de me manter em algum serviço na área de artes, pois viver somente de artes produzidas não é fácil, nem sempre se consegue encomendas ou vende-se algo que se produz.

Um artista passa por muitas dificuldades financeiras e mesmo falta de compreensão, pois muitas vezes me perguntam pra que fazer isso se não dá dinheiro, aí respondo: me faz bem...



feijoa - Acca sellowiana - Nasua nasua 70 x 49,5

Já fiz cerca de 30 exposições individuais e coletivas, mais sempre no meu estado (Santa Catarina) e sempre por convite. Tive uma vasta produção em esculturas, madeiras, pedras, mármore, reciclados, etc.

Hoje sou Diretor de artes da Fundação Cultural de Navegantes na qual já estou a 7 anos.

Arte...

Arte pra mim é vida, emoção, é meu passatempo (alias queria ter mais tempo pra isso), eu vivo da arte e pra arte, eu respiro arte, amo o que faço e amo o que outros artistas fazem, sempre que possível frequento exposições, museus, seminários, festivais, salões, fóruns, etc. minha diversão é meu trabalho. O mundo da arte é tão fabuloso, a arte conversa com quem a observa ou toca, não tem coisa mais bela pra mim do que observar a reação de uma pessoa ou criança observando uma obra minha, isso me traz uma energia que acredito que seja comparável a de um músico sendo aplaudido num show. Adoro conversar com outros artistas pois acho que somente outro artista pode me compreender.



guarana - Paullinia cupana - Puma concolor 70 x 49,5

Nivaldo Kloppel



mamão - Carica papaya - Pteronura brasiliensis - Ariranha



guabiroba - Campomanesia - Macaco aranha - Ateles 70 x 49,5 (1)



pitanga - Eugenia uniflora - onça pintada Panthera onca 70 x 49,5



pururuca - Casearia rupestris - Phoenicopterus ruber - flamingo 70 x 49 cm

Nesta série que estou pintando com acri´lico sobre tela também medindo 70 x 49 cm, tratam-se de pintura de animais nativos do Brasil fazendo composição com frutas nativas (pouco conhecidas) do Brasil, os nomes dos arquivos contém a nomenclatura científica de cada animal ou fruta.



nona - Annonaceae - Dasypus septemcinctus - Tatu



Estudo de pintura para a série “Negros e Vermelhos”



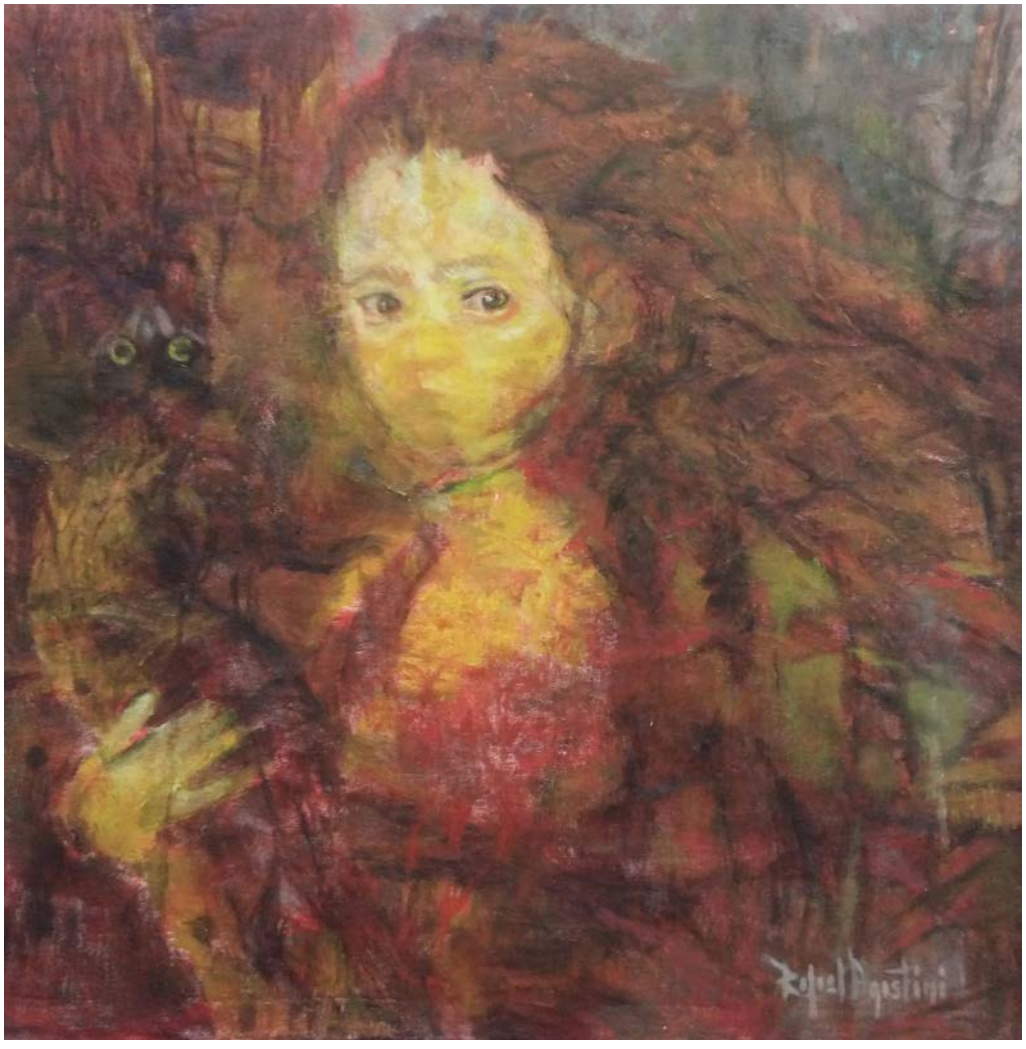
Estudo de pintura para a série “Negros e Vermelhos”



Estudo de pintura para a série “Negros e Vermelhos”



Círculo de fogo



Círculo de fogo nº2

O Sertão Cearence



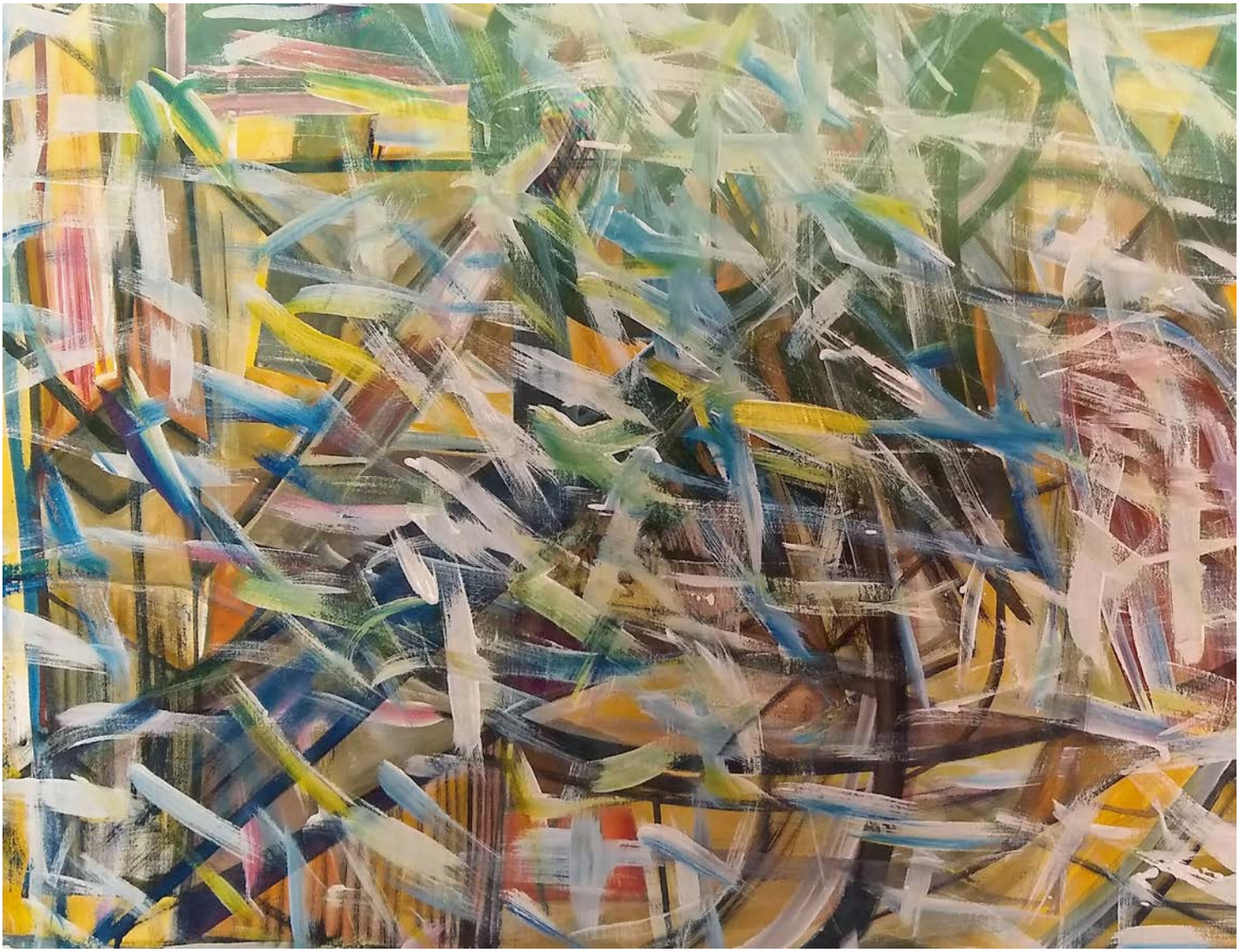




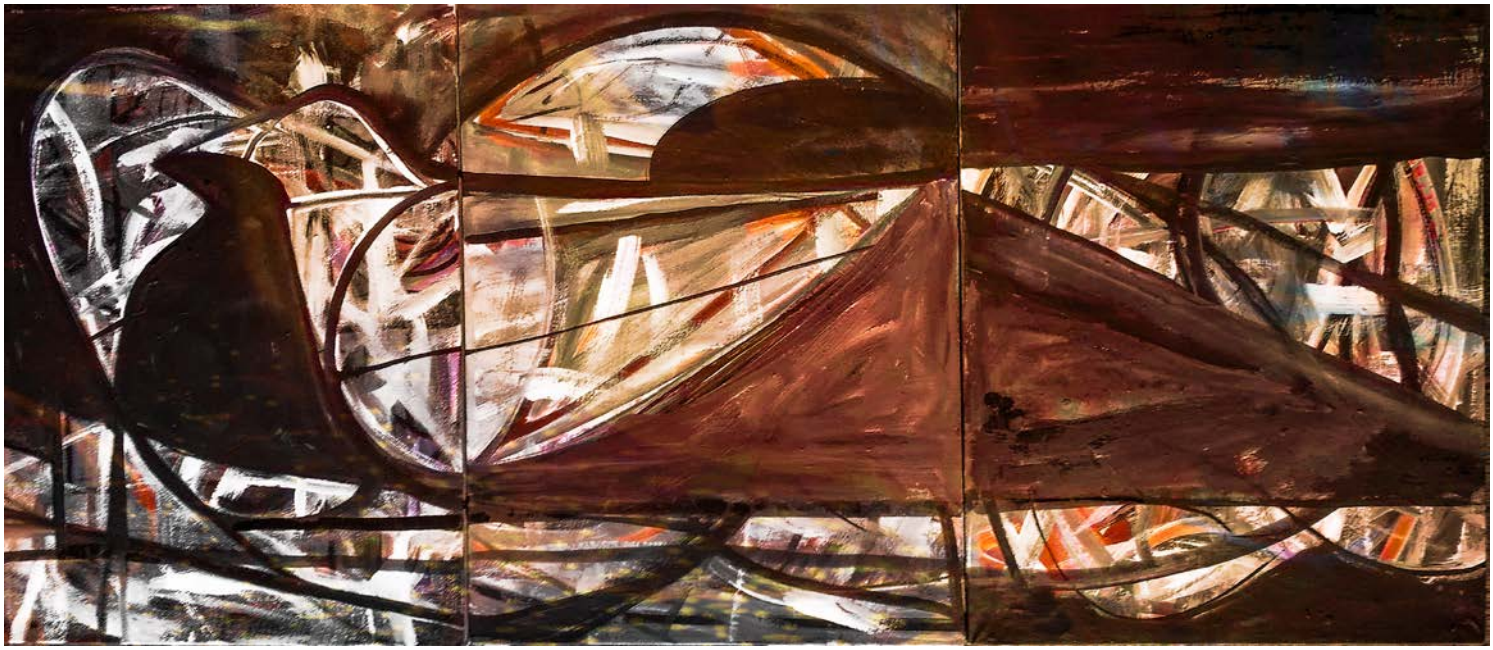




Série “ Os Pássaros”

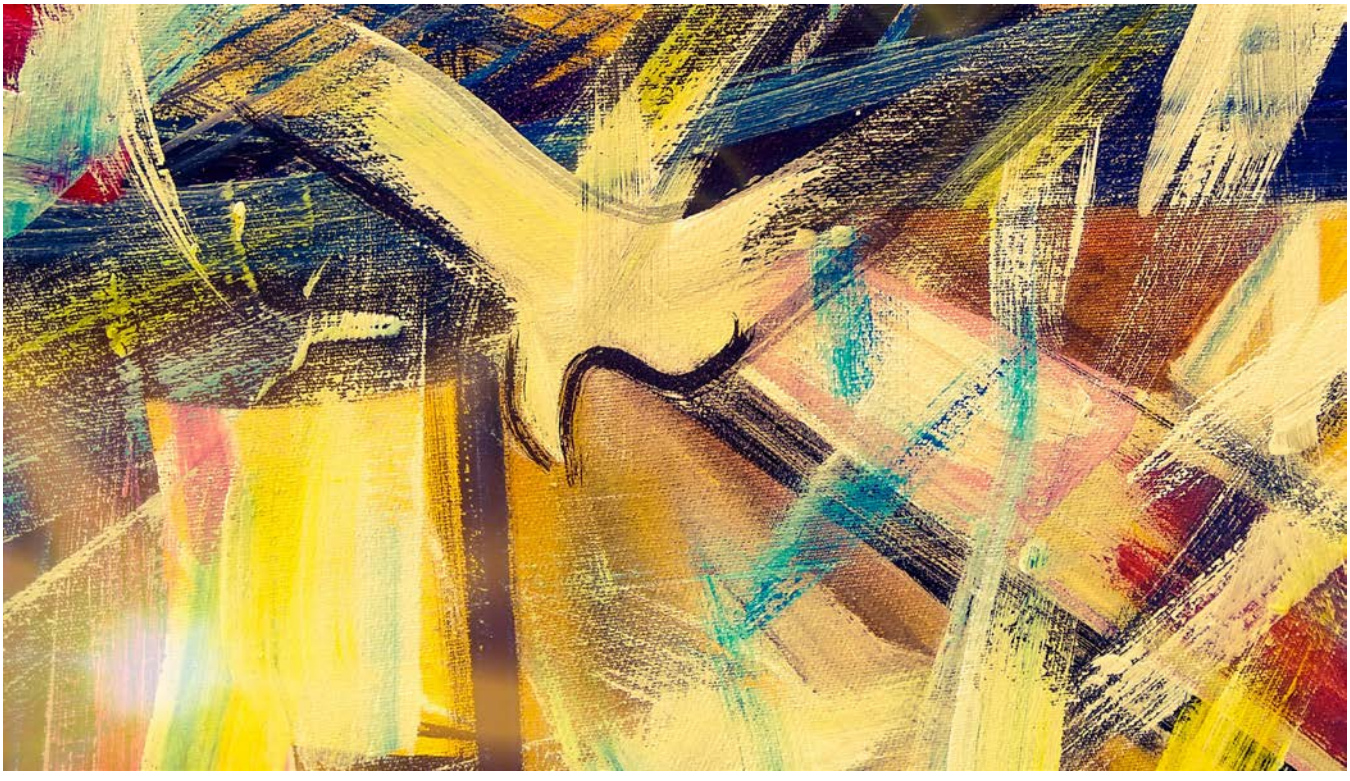


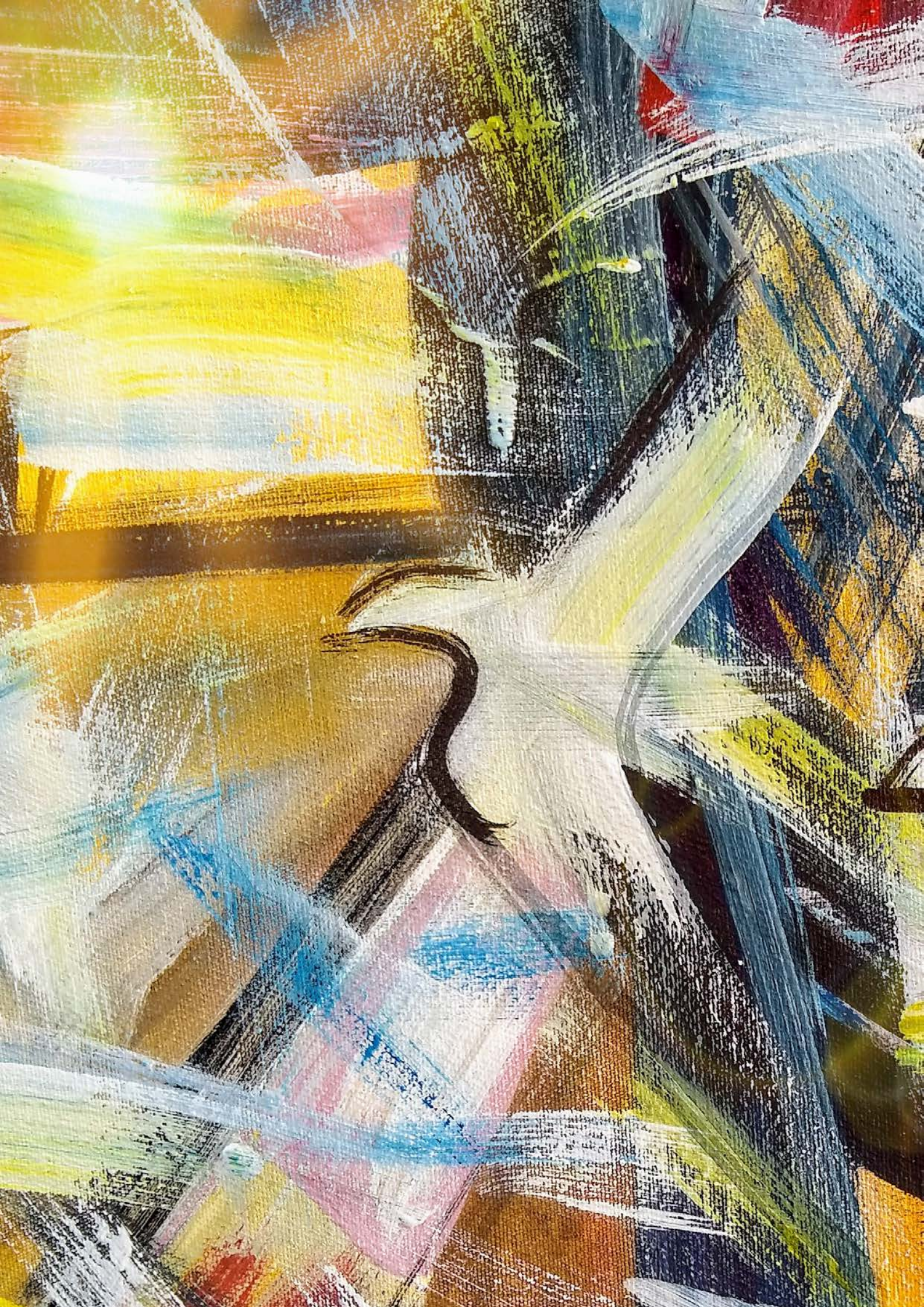
Revoada











CONSEQUÊNCIAS DA INFLUÊNCIA COMPORTAMENTAL NA PANDEMIA



Divulgação

É de conhecimento geral que, desde os primórdios da existência humana, um dos fenômenos sociais que sempre estiveram ativamente presentes na sociedade, é a influência comportamental. Tal fenômeno é estabelecido a partir de princípios, valores, atributos morais, éticos, ações independentes e interdependentes, que abrangem as expectativas sociais. Analisando o atual cenário pandêmico, deve-se levar em consideração a base contextual social, que gera grandes impactos na influência comportamental em meio a um mundo distópico com ideologias simplistas, que caminha periodicamente em direção a regressão social.

Dentre as distintas e diversificadas realidades existentes na sociedade, a influência comportamental está sempre presente em todas elas, pelo fato de estar diretamente ligada ao desenvolvimento individual e social do ser humano. Essa ligação, se refere aos elementos culturais e econômicos de um fenômeno social, como por exemplo o ambiente familiar, escolar e até mesmo a religião, que molda muitos indivíduos através do que se é considerável aceitável por um sistema doutrinário, estabelecido por determinada concepção ideológica, seja ela baseada na razão ou não. A partir disso, as ações independentes e interdependentes se fazem ativas. A ação independente se refere à prática de atos vindos da convicção pessoal do indivíduo, mas sem o objetivo se fazer com que os outros façam o mesmo, um exemplo disso, é quando vamos em busca de alimentos após sentirmos fome, é como uma ação natural. Já à ação interdependente se relaciona à prática de atos com o intuito de fazer com que os outros façam o mesmo, como por exemplo, quando usamos à máscara facial, condição estabelecida após a entrada na quarentena, que foi algo subsequente após o início da pandemia do covid-19. Abrangendo assim, as expectativas sociais, que são divididas em três atributos, a expectativa empírica, normativa e o princípio normativo pessoal. Que são respectivamente caracterizadas pela convicção do indivíduo em relação aos demais de uma mesma comunidade; A forma como as outras pessoas pensam e como o indivíduo deveria agir de forma geral; E por fim, como o indivíduo acredita

que deveria agir.

Diante a pandemia, o esperado é que as ações fossem interdependentes, baseadas no agir mediante ao politicamente correto, para que outros pudessem agir da mesma forma por meio da influência comportamental, isso de acordo com a teoria, num extremo da realidade utópica. Agora em uma sociedade formada através da distopia, o contexto muda, por consequência das ações populacionais, por não possuírem senso crítico, e agirem pela ignorância, de forma impulsiva, simplista e irracional, sobrevivendo a partir da alienação debaixo de informações prontas com fontes desconhecidas. E estando numa era desenvolvimentista, pessoas com acesso a recursos tecnológicos, que insistem em agir pela ignorância, colaboram para a destruição ideológica, acelerando assim a corrosão do mundo. E é importante ressaltar, que existem diferenças entre agir por ignorância e agir pela ignorância. De acordo com Aristóteles, agir por ignorância se fundamenta em agir por falta de conhecimento, ou seja, de forma involuntária, diferente do agir pela ignorância, que é uma ação voluntária.

A partir disso, tendo em mente à base da estruturação social, é possível observar de forma explícita à falha funcionalidade da influência comportamental, mediante à atual condição social em que vivemos nos tempos de pandemia. Em termos ideológicos, o ser racional que usa o senso comum num extremo simplista na maior parte das vezes, segue com um enorme repertório de más decisões que trazem consequências quase e/ou completamente irreversíveis para o mundo em que vive.

De 29.386.463 casos mundiais de covid-19, apenas do Brasil, se obteve um total de 4.356.690 casos ate o momento, e ainda assim, 55% dos brasileiros insistem em usar a máscara de forma inadequada, posicionada apenas no queixo. Nessas condições, atitudes como, a adesão irregular ao isolamento social, a anunciação de futura flexibilização da quarentena nos momentos mais críticos, levando em consideração apenas questões socioeconômicas, à falta de restrição de circulação durante feriados, as notícias falsas que circulam pelas redes, enfatizando curas milagrosas que desviam atenção da necessidade de isolamento, o aumento de 120% do preço do arroz e outros produtos alimentícios e afins, não colaboram para que hajam melhorias, apenas aceleram o processo de deterioração social, por meio de práticas sem plausibilidade, alimentando a impulsividade daqueles que não veem e não têm uma válvula de escape, conhecida como, topo da hierarquia, onde se está presente inúmeras alternativas para conter impactos prejudiciais que podem ser modificados com a presença de recurso financeiro estabilizado. É necessário enfatizar que anteriormente ao distanciamento social, milhões de pessoas no Brasil passavam fome, e no momento o número só aumenta. Portanto, é mister que o Governo tome providências para que se possa amenizar o quadro atual de forma qualitativa e eficaz. Diante disso, fica evidente a responsabilidade do Ministério da Saúde em prover campanhas de conscientização por meio de verbas governamentais, para que possa auxiliar a população em relação aos mitos que tomam conta das mentes completamente vulneráveis às influências que possam vir a acontecer. E cabe ao Ministério Público agir perante ao Poder Judiciário, para defender os interesses sociais e individuais em decadência. E aplicar penalidades funcionais as recentes constituições relativas à pandemia, caso haja desrespeito. Mas, antes disso, é preciso proporcionar à população recursos para que tais leis possam ser respeitadas de forma beneficente a todos, por meio parcerias com marcas alimentícias, para patrocinar doações. Mas é importante lembrar que, parte da responsabilidade do cidadão, é ir em busca dos seus direitos, então a população tem a obrigação de se questionar, mobilizar e manifestar a favor de seus direitos, a partir das normas constitucionais.

Suellen Santos Passos

INTOLER NCIA, SOMOS HUMANOS OU O QUÊ?

Por Ricardo França

“A escuridão não pode expulsar a escuridão, apenas a luz pode fazer isso. O ódio não pode expulsar o ódio, só o amor pode fazer isso!” (Dr. Martin Luther King)
Que o preconceito e a intolerância de qualquer natureza possam ser banidos de todos os corações. Que possamos respeitar cada vez mais a maneira do outro pensar e ser. E que possamos ser o melhor que existe em cada um, independentemente de suas crenças, cor, orientação sexual e etnia. O que deve prevalecer em todo homem e mulher de bem é o respeito pelo próximo e seu próprio caráter. Diga não ao ódio de qualquer natureza e, diga sim ao maior sentimento que um ser humano pode externar. Sei que não é tão simples o quanto parece, mas podemos iniciar o exercício por aqui, com AMOR!
É inconcebível que nós enquanto animais “racionais”, encontremo-nos em um declínio tão grande, sobretudo através de um vírus que mostrou ao mundo quão pequeno somos perante o universo.
Temos no mundo pessoas com perfis muito diferentes.
As opções de crenças de vida, de comportamentos, de escolhas e orientação não definem o ser humano em uma generalização por categoria. O que sempre pode definir um humano, vamos repetir é o CARATER.
O importante é conseguirmos tirar a trava de nossos olhos e enxergar o humano como ele é, perante aos olhos de Deus, todos somos iguais. O que não dá para entender é no mesmo momento em que se diz ter fé, muitos de nós ainda praticam a intolerância diante de situações rotineiras, quando as convicções divergem de qualquer crença, etnia ou orientação sexual.
E, por mais que se possam encontrar motivos ou alusões contra qualquer ser humano, seria sempre bom lembrar que não somos Deus O onipotente e todo poderoso. Não temos o poder e muito menos o direito de julgar.
Precisamos perceber que quanto mais nos aproximamos de Deus, menos julgamento deve ter nossos corações.
Ah, sim, somos bons e não cometemos agressões físicas jamais contra o próximo. E quanto às agressões psicológicas, através de comentários articulados, insultos, olhares maldosos que ferem a alma?
Sim, cuidar do que se pensa e fala pode nos definir em quem realmente somos. Afinal, como dizia o grande Sócrates “Sábio é o que conhece os limites da própria ignorância.”
“Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher, pois todos são um em Cristo Jesus.”(Gálatas 3:28). “Pois em Deus não há parcialidade” (Romanos 2:11). Ou não lemos ou não prestamos atenção naquilo que ouvimos durante a vida toda. Basta tirar a venda de nossos olhos e enxergar como deveríamos ver. Fazer com que a humildade que nos leva a sabedoria nos faça entender que para Deus não somos o que vemos e sim o que sentimos de corpo alma e coração em nosso ser. É a mente o coração a alma que nos definem o ser existente na face da terra.
Segundo a filosofia somos racionais capazes de sermos uma unidade e uma totalidade ao mesmo tempo, enquanto matéria. E que também conseguimos através da “racionalidade” distinguir coisas e elaborar conceitos.
A sociologia nos diz que somos capazes de criar relações sociais com os demais, mas que somos influenciados por determinados comportamentos sociais. Às vezes, somos

tão influenciados que esquecemos a essência de ser humano.
Esquecemo-nos do segundo maior mandamento dado a todos nós por Deus: “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mateus 22:39)
E se assim realmente deve ser, demonstrar o amor ao próximo queremos um mundo onde não haja manifestação contra o racismo ou qualquer outro tipo de preconceito. Pois se este não existisse não precisaria ter manifestações. Porém se faz necessário para que possamos acordar de um sono profundo que fomos envolvidos pela manipulação para que esse cenário não mude.
Precisamos nos dar conta que até mesmo a intolerância preconceitos e o levantar de bandeiras são muitas vezes provocadas por poderosos que não medem esforços para garantir seus votos. Pois é mais fácil ser elegível na divisão do povo do que na união do mesmo.
Seja você pertencente a família tradicional ou da nova família ou de diferentes crenças e etnias temos de estar atentos e não deixar que nos instiguem a agir uns contra os outros.
Existem muitas campanhas serias pelo mundo contra preconceitos.
Hamilton piloto da formula 1 lidera campanha (Vidas Negras Importam.).
Outras campanhas como, Diga não a homofobia e sim ao Respeito. Abril Indígena, Defesa da Família tradicional, Contra Misoginia Lugar de Mulher é onde ela quiser. E muitas outras.
Seria tão bom que todos cuidassem de nossas próprias vidas e definissem o ser humano apenas pelo caráter. Que todos pudéssemos viver nossas vidas como quisermos, claro com o devido respeito uns pelos outros.
Seria tão bom que todos não quisessem impor seu jeito de viver aos outros como se todos devessem enfiar garganta abaixo sua opção de ser.
Muitas vezes observamos pessoas que querem que todos sejam como elas, os mesmos costumes as mesmas escolhas a mesma crença, orientação mesma etnia como se não fossemos capazes de viver em paz apesar das maravilhosas diferenças que herdamos ou adotamos. Entendermos que nossa raça é uma só HUMANA e o que nos define realmente é o CARATER!

Pois existem aqueles que levantam uma bandeira, mas a única intenção é instigar o ódio. Com esses temos de ter cuidado. Pois uma campanha é verdadeira quando busca a compreensão o entendimento de todos os lados sem imposição e discurso de ódio que provocam a divisão de nossa maravilhosa nação. Defender os que sofrem preconceito sim porem sem gerar raiva este é o caminho, afinal de contas não da para combater ódio com ódio, combatemos o ódio com amor.
E no cair com algemas, o fôlego nos é tirado pelo fato do humano perder a sensibilidade de olhar o outro sem julgamento. Já rendido e sufocado ao chão, mesmo dizendo “não consigo respirar”, não lhe deram a atenção merecida pelo fato de ser humano e filho de Deus, já que não oferecia perigo algum. (In memoriam George Floyd)
Sabemos que não é um caso isolado, mas que através do fato possamos entender e aprender que devemos ser mais tolerantes. E olhar o outro independente de quem seja como você gostaria de ser enxergado.

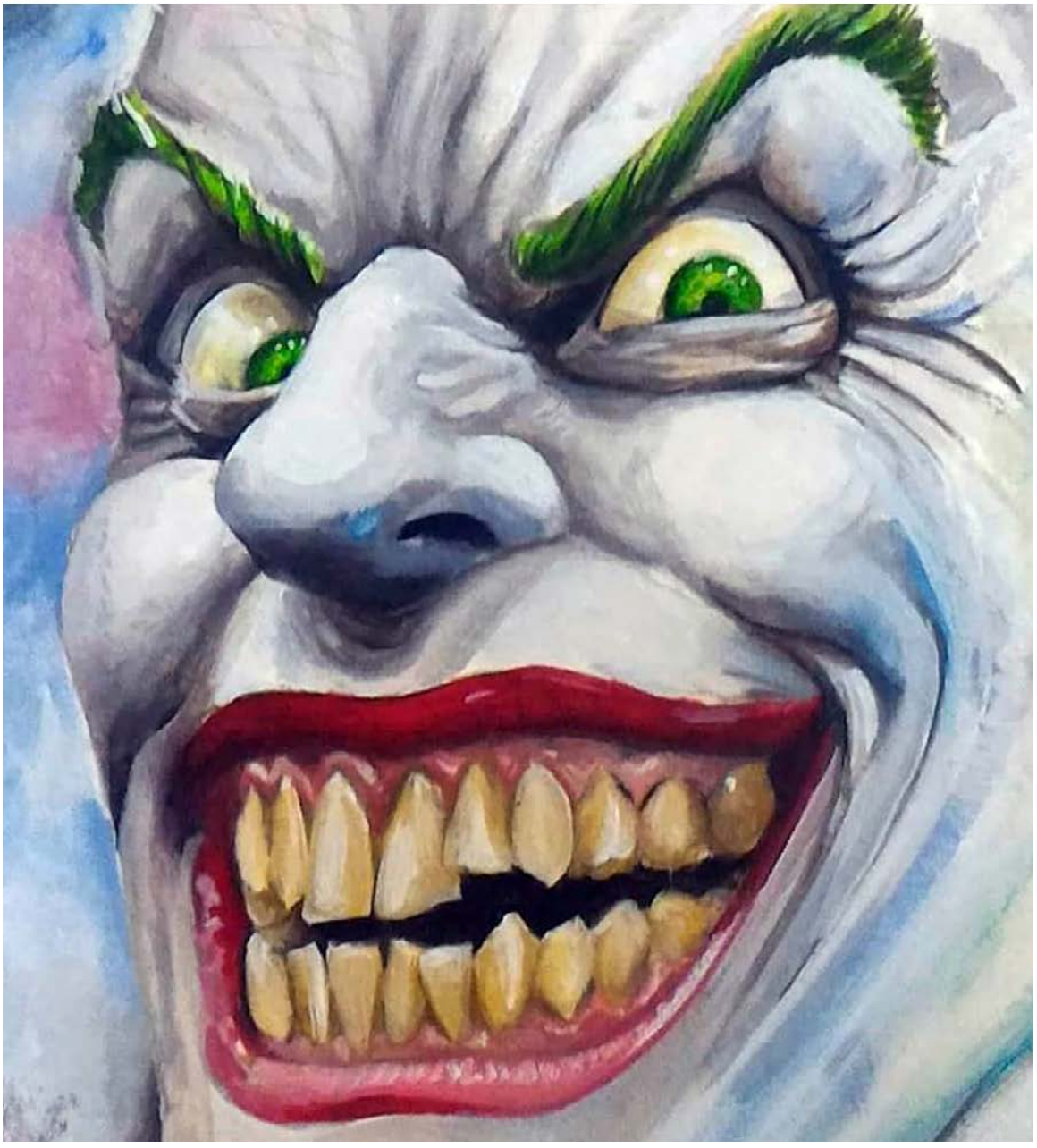
Ricardo França
Palestrante Desenvolvimento Profissional e Pessoal
Colunista Podcast Paiquere 91,7
Colunista Revista D-Arte
Colunista Reflexões Inst. Cultural Arte Brasil
Profissional Qualidade de Vida Cref 6262

12 Volts

CUSTOM TATTOO

(43) 3334-2648

Rua João Cândido 344, sala 307 - Londrina













PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

TioLuFoods

O início da TioLuFoods ...

Tudo começou por influência de um grande amigo meu. Com duas caixas de produtos de Geleias e Mel, parti rumo a minha cidade natal Bandeirantes – PR. Para quem nunca tinha vendido um guardanapo na vida, que desafio ... nem imaginava que proporções essa aventura iria tomar, para muitos, 'coisa de louco', mas mesmo assim segui em frente.

Depois de um começo difícil em 2019, sem experiência alguma, mas com muita persistência, de porta em porta com produtos de alta qualidade e ótimos preços, as vendas foram crescendo, sempre com pés no chão e muita humildade.

Logo então era o momento de criar um nome de apresentação, mas e daí como decidir o nome e a logo? A inspiração surge em um belo dia, pensativo me veio um 'soprinho de Deus' dizendo: Luciano junte Tio Lu com os produtos, e desta forma nascia a TioLuFoods.

Começa 2020... tudo pra ser o ano, mas vem a pandemia e agora como lidar, como reagir? A resposta para isso, sair da zona de conforto com novas metas e objetivos, com isso já chegamos até Paranavaí e Ibaiti.

Desta forma com aumento da visibilidade, novos fabricantes vêm demostrando interesse para ter a TioLuFoods como a sua distribuidora.

Por fim neste mês de setembro completamos um ano de existência, e gostaria de registrado o agradecimento a todos os clientes e parceiros, e em especial a revista D–Arte

por esta oportunidade.



ellsy
PROFESSIONAL

www.ellsy.com.br

BLOCKS

DESIGN + IMPRESSÃO 3D

A Blocks é uma marca do RS, que produz objetos de design através da impressão 3D, utilizando um biopolímero compostável. Surgiu da vontade de unir design, inovação tecnológica e sustentabilidade em uma nova perspectiva de produção e consumo. Enviam as peças para todo o Brasil. Conheça mais pelo instagram da marca @ lojablocks e pelo site www.lojablocks.com.br

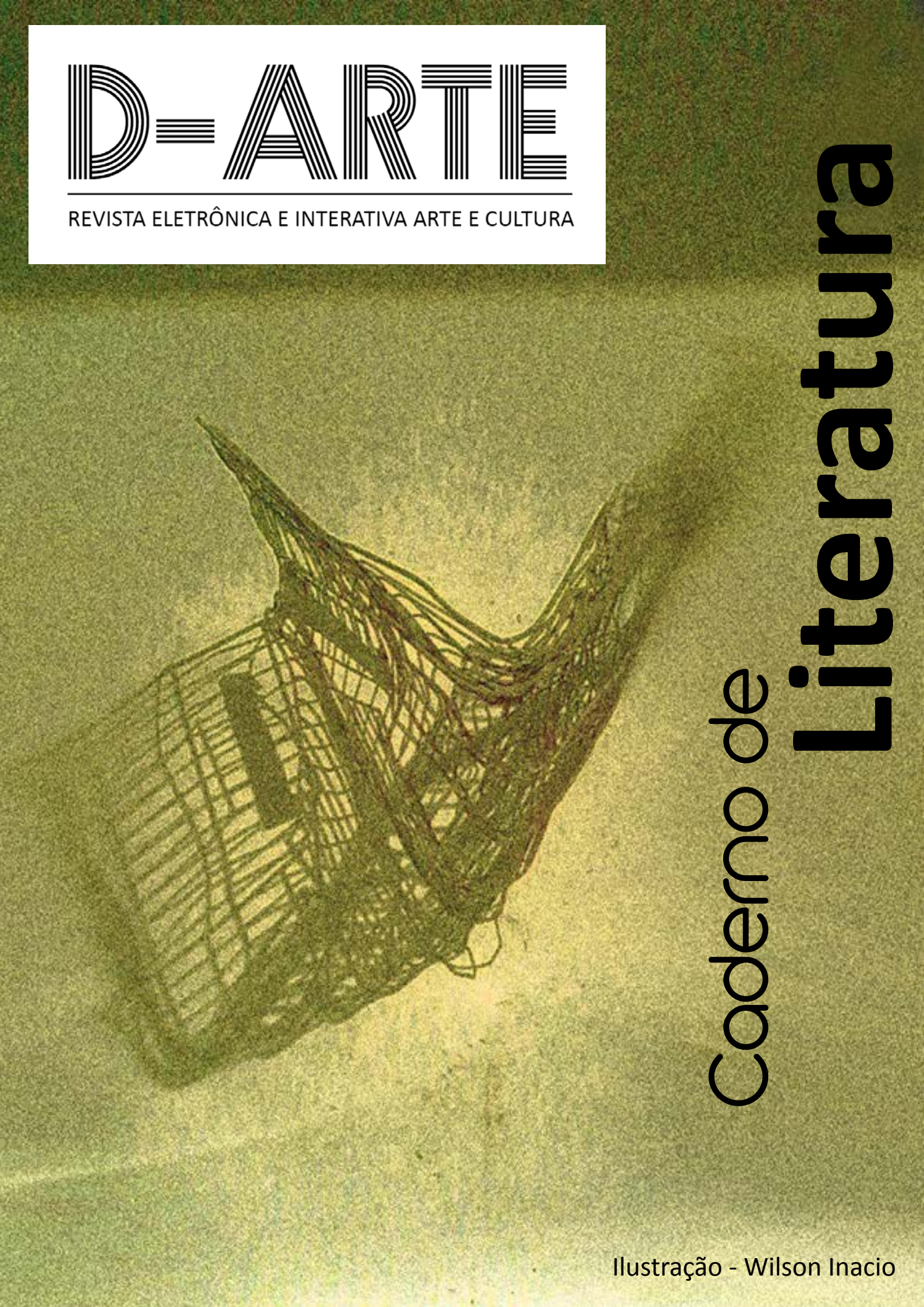




A Constituição Federal de 1988 determina no Art. 3º, inciso XLI que "Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; e no Art. 5º, inciso XLI, que "a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais".

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Caderno de Literatura

Ilustração - Wilson Inacio



Descrição do Livro

Há muitas formas de expressar amor por alguém. Uma das mais antigas, marcantes e belas maneiras de se fazer isso é a Trova, um dos segmentos mais tradicionais da poesia.

De modo singelo, Como Escolhi Dizer Que Te Amo navega pelo sentimento mais nobre do homem: O AMOR! E revela em diferentes jogos de palavras que o mesmo amor merece ser enaltecido.

RESERVE JÁ O SEU CLICANDO AQUI!

https://www.eviseu.com/pt/livros/1441/como-escolhi-dizer-te-amo/

Acometa-me
Acometa-me com a sua paixão

Acometa-me com a sua arte de sorrir

Contagie a minha alma

Deixando-me sem estruturas

E nesse amor avassalador

Seja também o meu porto-seguro.

Maré instável

Vento e brisa gostosa

Seja instante

Seja constante.

Remende-me

Seja parte

Ocupe o meu espaço

Irradie o meu universo.

Karine Dias Oliveira
Nova Friburgo? RJ



Não calarão nossas vozes

Vozes não se calam
Se nos fecham a boca
Basta mirar os olhos
Ali estão tantas formas
De falar o sentir

A qualquer instante
Novas bocas também
Se abrirão
E dali mais que palavras
Sairão

Vozes não se calam
Se nos tapam os olhos
Se a alma
Mesmo nas sombras
Mais longe enxerga

Nem o tempo histórico
Longínquo como os séculos
Em suas letras romanas
Conseguirão calar
Estas vozes tão humanas.

Paulo Ismar Mota Florindo

O TREM

De um tempo pra cá não sei mais o que sinto
Meu peito é uma folha em branco
Onde o encontro da caneta e o papel
Tem sido meu peito palpitando

Não sinto mais meus sentimentos
E meu peito só batuca aflição
O peito acertado desritmado

O suor que escorre gelado em minha testa

E uma voz que vem de dentro gritando
“PARE!”

Para de alarde, pare de barulho que eu quero sossego
So quero paz de um aconchego abraço que não me cabe mais

Para de ventania! Para de escuridão !
Para de tudo. Pare de choro no meu coração.

De um tempo pra cá não sei o que sinto
Não sei o que veio, não sei porque vão

Só sei que meu peito parece estação
Correndo de lá pra cá
Amontada de pensamentos que não quero pensar

O trem cheio chega a estação
O trem do inferno que causa

Gabriela Santos



Notas insanas



Uma orquestra de pensamentos
Em minha mente ocupam lugar
Me disseram: “Volte para si!”
Para si? Talvez volte para lá
No momento, ficarei em mi.
Então todos diziam,
Que eu lhes causava dó.
De ré eu ia,
Sobre sol voltava
E quando a noite surgia
Ainda mais eu pensava.
Um turbilhão de notas
Um turbilhão de emoção
Para mim uma melodia
Para eles desafinação.

ANDRESSA MARIA

SORTE DE HERÓI



Quando somos pequenos
Somos influenciados por heróis
Um exemplo desse é o Batman
Se não fosse ele, quem seria por nós?
O único problema é que quando crescemos
Enxergamos outra sintonia
E não fica tão difícil assim
Entender o lado do coringa
Sempre iremos ter um lugar de paz
Assim como Naruto
Que quando estava em konoha
Esquecia de absolutamente tudo
Como no Mário
Na vida sempre estaremos passando por fases
Mas precisamos sempre manter a fé
Pq afinal, todo dia matamos um bauser
Quem me dera poder viajar
Igual a R&M
Me conhecer em outras dimensões
Encontrar a minha sorte.

GUSTAVO BERNARDINO

Atropelamento discente

Sinal toca. Não tenho muito tempo, eles demonstram terem menos tempo ainda, saem correndo, empurram cadeiras e carteiras, se atropelam em elogios, rumo a liberdade, além daquela docência, daquele portão. De sala em sala, o exemplo se renova, às claras ou não. Os corredores se congestionam. Tempo para o beijo, o xaveco, a ajuda, a gozação, a humilhação, a agressão. Aqui dentro e agora, de tudo, lá fora e depois, as consequências. Silêncio ecoa. O vazio deixado por eles impera entre essas paredes frígidas e leva minha identidade.

A fome chega. Mastigo alguns biscoitos pedagógicos e saio voado. A outra jornada começa em meia hora. A caminhada não é longa, mas o sol está escaldante. Subo morro, desço morro, já me reencontro nos rostos, olhares, sorrisos, e acenos do meu dia a dia. Atravesso rua, desço escadão, subo viela. Estou esbaforido, parado no semáforo. E a Estrada não pára. Carros, motos, caminhões, ônibus articulados, biarticulados. Só quero chegar do outro lado, mas o verde não vem. O que vem é um veiculo incomum na contramão.

O tempo pára. Farol abre e fecha, inúmeras vezes. Absorto, fixo o olhar no veículo que vem contra tudo e contra todos em velocidade constante. Tomado por sentimentos ,não de temor ou pavor, mas de curiosidade e admiração de saber quem são aquelas pessoas que estão naquele transporte que não é um carro, uma moto, caminhão ou ônibus. Sobre rodas a cadeira avança determinada, amedrontando outros autos que desviam ante tamanha altivez. A verdade atropela. Condutora e conduzido se aproximam, a reconheço e Caetano canta em minha cabeça; “De perto ninguém é normal”, ela me reconhece, desacelera e sorri. Não me lembro do seu sorriso tão tranquilo e seguro, mas sim de suas gargalhadas, gestos expansivos, linha de frente onde tinha problema. Não tinha vocação pra testa de ferro ou iminência parda. Era tudo com ela. Batia de frente. Articulava e agia e tinha seus seguidores. Das cátedras muitos dos seus mestres prognosticaram seu futuro. Não vai dar em nada. Não chega aos vinte, se muito aos trinta. Curva de rio. Coitada da família dessa aí. Lixo. E o Caetano continuava cantando; “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”. Estaciona a cadeira e me abraça. Não era disso. Apresenta seu pai que vai fazer exames no posto de saúde daqui alguns minutos. Fala do final da faculdade, estágio, trabalho, família, relacionamentos. Pergunta de uns e fala de outros. Continua a milhão. Se despede com outro abraço. Agora ela é disso. Ébano e altaneira mete marcha à cumprir seus compromissos , a flor da vida conduz o fio da vida.

O espelho quebra. Uma mistura de sensações contraditórias me deixa obtuso; Respeito, vergonha, surpresa, humildade. Fui atropelado. Atropelado por minhas convicções, pelas convicções alheias, pelo passado, pelo presente e por uma mulher determinada a atropelar determinismos. Junto meus pedaços e volto pra arena tal qual minha aluna me ensinou vivendo. O farol abre, atravesso cantarolando mulher elétrica, e percebo que minhas certezas são mais nocivas a minha identidade do que minhas mentiras.

Flavio Anunciação Costa

Sem razão

Ernesto nunca teve educação
nem qualquer outro direito
desde sempre, todos lhe foram negados

Um dia, Ernesto não se conteve
olhando direitos que nunca teve
cuspiu na mão que o esmagava

Ernesto perdeu a razão
gritou contra a mão que o calava
de berço pobre, cansou de ser pobrezinho
quem nunca se levou pela emoção
ali deixava a razão de lado

Mas, cá entre nós, pensando só com a razão,
no seu lugar, muitos fariam o mesmo
e com razão
e digo mais:
e até mais.

Aldenor Pimentel

Reconheço

Eu endureço,
Estremeço,
Me viro do avesso
E permaneço.

Mas não como no começo,
Como num outro recomeço
De variadas trilhas que teço,
Por caminhos que desconheço.

E não desfaleço,
Apenas agradeço
A cada vez que amanheço
Ou anoiteço.

Eu não te peço
Apreço.
Eu desconheço
O preço.

Eu entristeço.
E despeço.
Eu tropeço.
E amadureço.

Eu emudeço.
Eu esqueço.
Eu apareço
E reapareço.

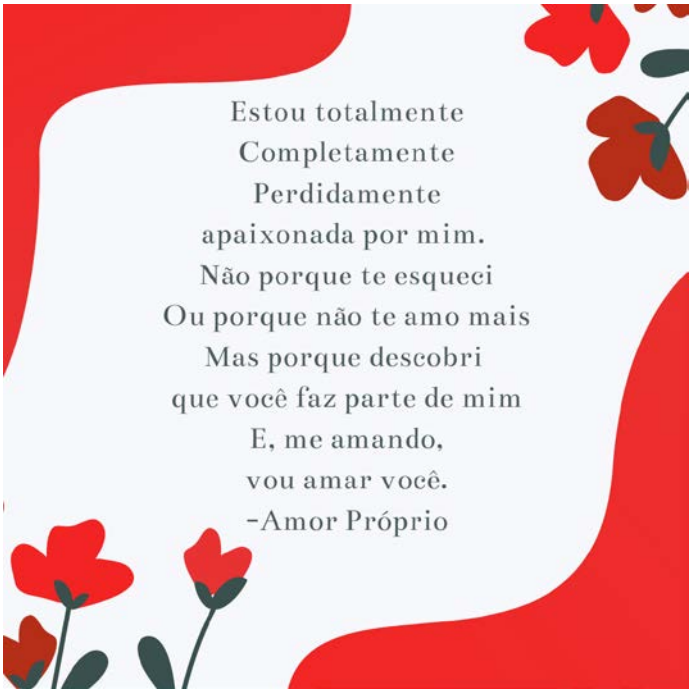
Eu feneço,
Pereço,
Padeço,
Desapareço.

Eu escureço.
Eu transpareço.
Eu enterneço.
Eu enlouqueço.

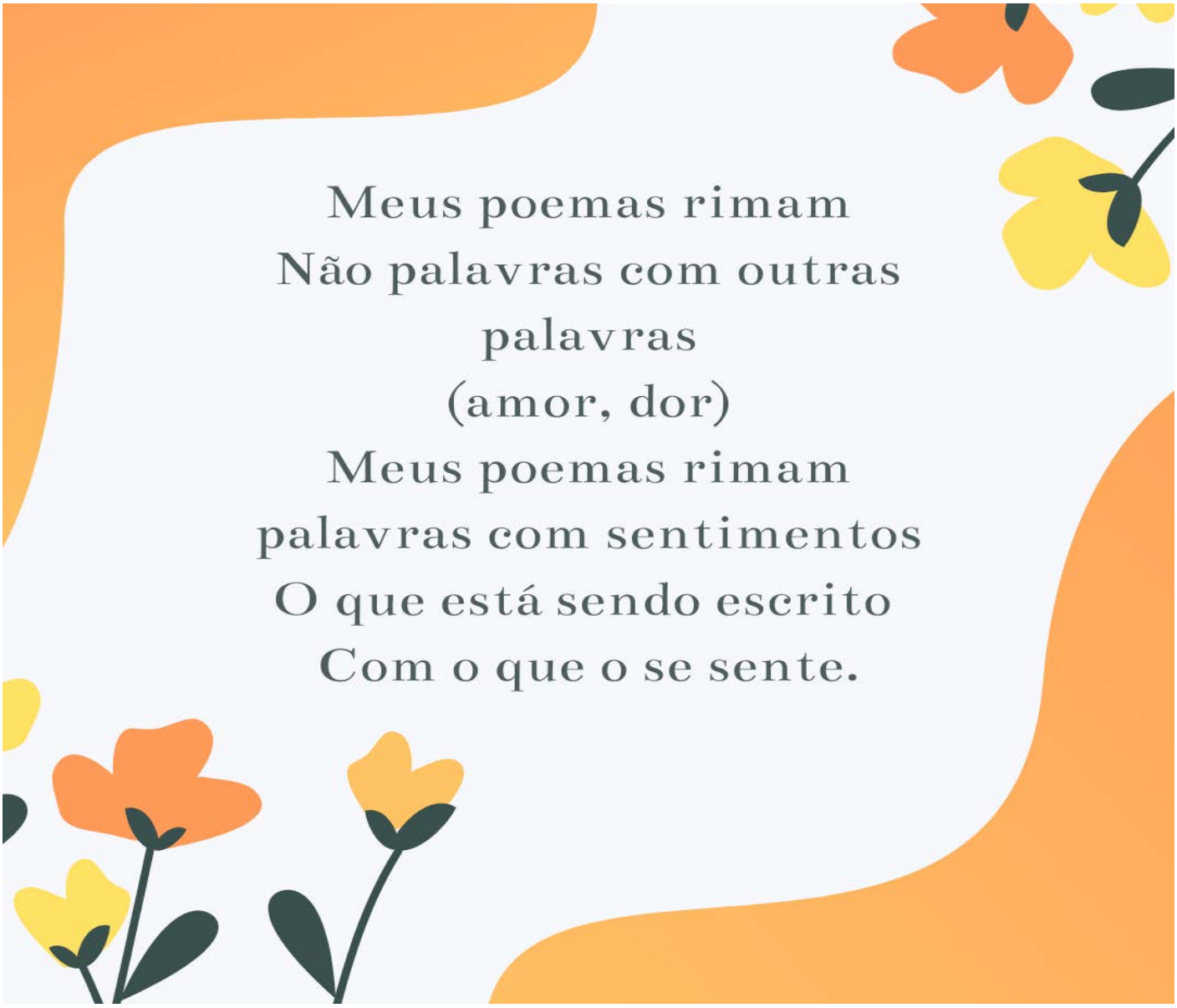
Então eu espaireço.
Novamente resplandeço
E isso eu te ofereço.
Eu simplesmente, aconteço.

Aline Bischoff









Ana Paula Silva

HORA

É hora de remarcar o passo,

de rever os traços, de dançar lado a lado,

sem perder o com paço

de quem dança e faz estripulia.

É hora de chamar outros pra essa dança,

sem deixar de lado ninguém,

sem machucar ou olhar a quem,

só chama e dança.

Vem, dança,

vem dançar pois a vida nos permite balançar!

Qual será a música?

Escolhamos, sem muita seleção, balanço com qualquer refrão,

pois não quero nem sair deste chão.

Quero dançar sem medo, sem vergonha, da forma que eu me vejo.

Quero chamar os antigos amigos, sem esquecer dos meus princípios,

o importante é não parar, é não titubear,

pois a hora passa e a dança continua.

Vamos dançar?

André Luiz da Silva – *André Canuto* *(nome artístico)***.**
Paulista, 20 de junho de 2020.

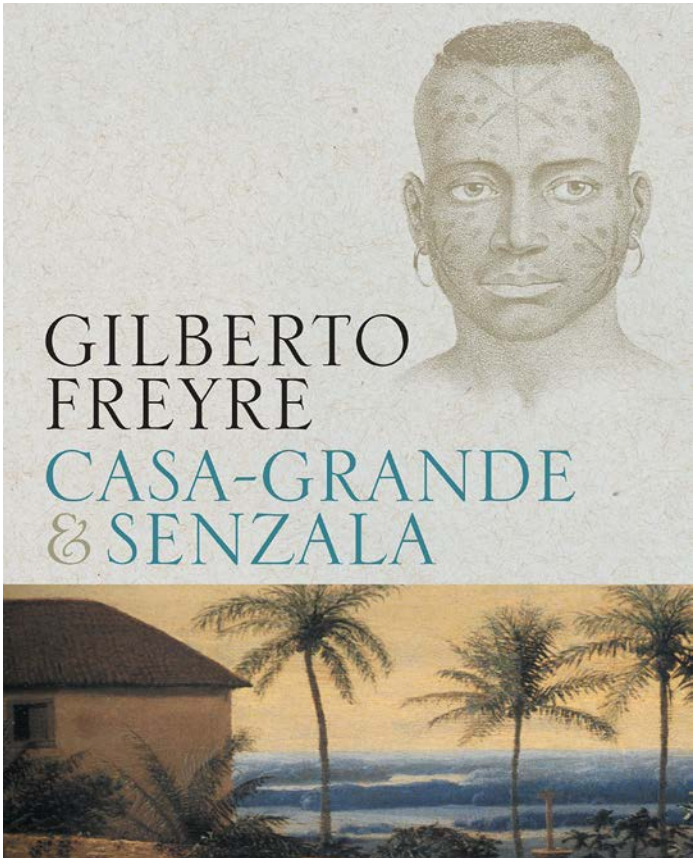
O banho ritual e o altar barroco

Autor: Edson Amaro de Souza









Casa Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, é um clássico imortal. Eu o li nos primeiros meses da faculdade, mas gostaria que todos os brasileiros o tivessem em mãos já no Ensino Médio. Não sei como está essa nova edição, numa nova editora, mas a velha edição que eu tenho exibe um desenho da Fazenda Colubandê, em São Gonçalo. Infelizmente, há mais de seis anos esse edifício dos tempos do Brasil Colônia está abandonado pelo governo do Rio de Janeiro. Nas mãos da iniciativa privada, fora sede do Rotary Club, que instalou atrás da casa grande um magnífico painel de Djamira da Motta e Silva (1914 – 1979). Depois, o governo estadual adquiriu-a para ser quartel da Polícia Florestal, até que o governador Sergio Cabral Filho – esse mesmo que está preso e teve seus bens leiloados – retirou de lá os policiais e queria eu que só as tropas das formigas marchassem hoje por lá, mas não é bem assim.

Eu a visitei há mais de dez anos, acompanhado por um professor de Arte que lecionava sobre as igrejas da cidade e as fazendas seculares. Erguida no século XVII, esconde em seu interior um poço que – segundo os historiadores – servia para que se fizesse a mikvé – o banho ritual que as mulheres judias usam para se purificarem antes da cerimônia de casamento, sete dias após seu sangramento mensal e algumas semanas após dar à luz (como prescreve o *Levítico*, cap. 12 e cap. 15); os homens costumam fazê-lo antes da Páscoa e antes do Yom Kippur, os dias mais sagrados do calendário judaico. A maioria cristã não sabe que São João Batista não começou do nada a sua tarefa de batizar os hebreus para o perdão dos pecados: seus conterrâneos estavam habituados ao periódico banho de purificação: o profeta, primo de Jesus, apenas deu um passo à frente do costume milenar.

O poço escondido no átrio da casa grande certamente foi decisivo para provar a culpa dos construtores que praticavam às escondidas a religião de Moisés. A Inquisição os encarcerou e tirou deles – judeus convertidos à força – a propriedade da fazenda. Deu-a a súditos fiéis ao rei e ao papa. A pequena capela, em honra a Sant'Anna, dá nome a uma grande igreja católica nas proximidades, cujos fiéis realizavam no gramado da fazenda a missa campal do Domingo de Ramos, e os policiais gentilmente abriam para eles aquele tesouro de quatrocentos anos – lá dentro não havia mais o Santíssimo para ser adorado, mas ainda estava lá o magnífico altar barroco em madeira de lei e os azulejos portugueses. – Como não são apenas as formigas que entram na fazenda abandonada pelo poder público, o venerável altar foi roubado e só o Diabo sabe por quem.

Há pouco perdemos o Museu Nacional, antigo palácio da monarquia, consumido pelo fogo; que o Deus de Abraão e a Senhora Sant'Anna não nos deixem chorar também essa relíquia.

ISOLAMENTO

A pandemia nos deixou presos
no nosso egoísmo
no nosso pseudomoralismo
na nossa desvontade de viver
como uma comum-unidade
A pandemia nos deixou presos
e nus
como falida sociedade
A pandemia transformou nossas
relações
em disputa
nossas casas
em palcos de lutas
virtuais
onde quase nada mais importa
Na pandemia
reputações foram destruídas
pisoteadas foram vidas
por não concordar com a ideologia
e muitas vezes em nome de Deus
A pandemia nos expôs
quando ficamos presos
A pandemia nos deixou mostrar nossa verdadeira alma
e nossos piores demônios interiores
as redes sociais viraram um verdadeiro
show de horrores

A pandemia impôs o isolamento
o isolamento virou pandemônio
um pan-demônio passou a governar relações
e a pandemia,
raptou a poesia
cimentou corações...
A pandemia acabou com ilusões
do homem cordial
do homem gentil
como a cara do Brasil
e o pandemônio meu e seu
só revelou a necessidade
de nos voltarmos mais para Deus...



Eduardo Baccarin-Costa, é professor, poeta, escritor e produtor cultural.
Tem seis livros publicados (quatro de poemas e dois romances.).
É doutorando em Letras pela Uel.

Sonhos em pedaços

Com riso pendurado no céu do rosto
Permito-me sonhar
Levo histórias cicatrizadas nas costas
E desilusão marcada na pele
Persisto em percorrer vale da estrela
E colher as flores espinhosas
No balaio dos meus braços
Agarro o amanhecer poético
As lâminas do sol esfoliam
As jornadas da rotina.

Os meus sonhos não cabem
Na lua sangrenta
Também não cabem
Na terra agreste
Cabe apenas nessa alma
Selvagem e sedenta de
Qualquer coisa
Que não foi inventada
Talvez cabe numa ilha qualquer
Que jamais será descoberta.
Magão pinta uma
Tesoura de papel.
Com os dedos firmes
Mas com o coracao tremulo
Ele corta-me os sonhos
Aos estilhaços do cristais
Aos pedaços do cabelo
E eu agarro-os todos
Levo-os com as lágrimas
E o sangue desprende
Dos sonhos picados.

Glória Sofia

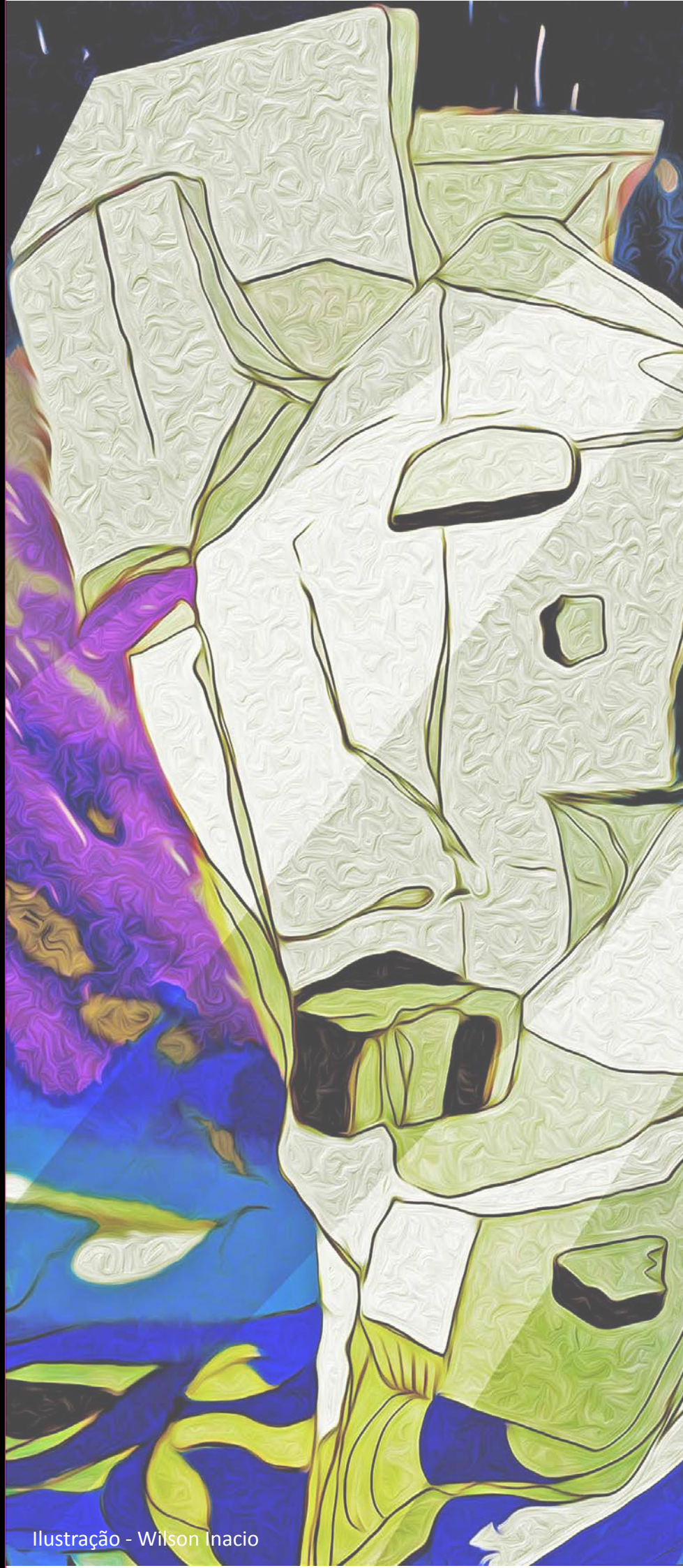


Ilustração - Wilson Inacio

Passarinhos

O beijo forçado, empurrado goela abaixo, tem gosto de desgosto: metálico e aversivo. Eu aceito passivamente, em nome da culpa por uma história fracassada. Eu encaro seus olhos caídos com pena – ele nunca entendeu os limites do consentimento porque é um homem feito puramente de desespero, frustração e dependência. Ele se odiava, eu também. Talvez essa tenha sido a única afinidade entre nós – nove anos sendo depósito de culpa um do outro. Eu não sabia o que era consentimento até passar a me amar e, invariavelmente, descartar sua presença; levando embora a insegurança, o nojo por mim mesma e dando lugar ao alívio. Finalmente.

Te encarei pelo espelho à nossa frente, do quarto de motel, sentados na cama, lado a lado. Mais uma noite, empurrada goela abaixo, me fazendo embrulhar o estômago pela culpa de ser a causa de seus medos e por sua insistência em sexo inseguro – é claro que broxaria só de ver uma camisinha. Previsível.

O vermelho da sua boca é o que me desperta curiosidade na memória – Será que o gosto metálico é dessa carne irrigada de sangue nos seus lábios ou do seu fracasso em largar o cigarro? Em meu rosto refletido, uma euforia tão intensa que, por incontáveis vezes, se transformou em obsessão. Ali nasce uma fresta – esbarrei com ela posteriormente, em outras pessoas igualmente doentias. O beijo forçado, sempre metálico, era constante a cada recusa: gosto de rejeição. Ele nunca teve um paladar apurado o suficiente para reconhecer e digerir. Em seu rosto, a expressão de pássaro ferido. O rancor materializado em culpa que caía sobre mim e me deixava inativa. No som do carro tocava "Passarinhos", na voz de Emicida e Vanessa da Mata. A doçura e a crítica social misturadas em letra e melodia. Linda sincronia. Mais uma música que foi estragada. Pena.

Ainda assim, estiquei as pernas sobre seu colo e me deixei ficar pela música e pela culpa; não por sua companhia. Foi embora, voando como um urubu, atrás de outra carniça, para estripar e satisfazer sua sede de energia alheia; afinal, eu me reergui em amor e me conscientizei de minha própria força. Não é essa a energia que alimenta o vermelho da sua boca. Deitada em seu peito e derrotada, subitamente senti um não crescente, a raiva tardia. O último gosto metálico veio de um suspiro desesperador seu, ao qual cedi, buscando liberdade. "Me solta". Bati a porta e fui embora. Tomei um banho demorado, no ímpeto de ver o nojo escorrer pelo ralo. Não escorreu.

Dormi por meses; acordei alheia a essa realidade: uma observadora, assistindo a essas memórias como se fossem um filme ruim, dirigido por quem nada entende de qualidade emocional. A fotografia? Péssima. Exceto por aquela cena, na garupa da sua moto, ouvindo Arctic Monkeys e admirando a ponte JK crescer no horizonte do Lago Paranoá. O perfeito clichê romântico. Como eu adorava essa banda. Uma pena não ter escolhido outra trilha sonora mais apropriada ao momento e a todos que passei ao seu lado – quem sabe um descartável Legião Urbana? Afinal, seria uma excelente desculpa para nunca mais ouvir a voz monótona de Renato Russo (que me perdoem os brasilienses mainstream).



Vinícius Edson



O PAR DE SAPATOS

Levanta-te olha pro chão
os sapatos estão rasgados?
mesmo assim ande
não fique de braços cruzados
vá a procura das coisas boas
mesmo com os solados gastados

Se tem buraco só num sapato
lembre-se que ainda há que fazer
planejar é uma meta
e se dá errado é só refazer
enfrenta os problemas
e não deixa te desfavorecer

Se há apenas um buraco.
pegue a linha e a agulha
e põe-se a costurar
por favor, não se engulha
os maus tempos passam
e nada te esbulha

Solados gastados não impede de andar
é melhor andar descalço
do que ficar parado no tempo
permitindo algum percalço
a luta é constante
e põe-se a decifra um encalço.

Nos golpes dura da vida
retroceder não é solução

se o prato de comida está vazio
ande depressa sem desilusão
com buracos no par de sapatos
é possível adquirir o ganhar - pão

Sou professora de 1° ao 5° ano,sou baiana,Autora de 2 livros infanto-juvenil.Sou apaixonada pela Literatura Brasileira,Literatura infantil e de cordel.
Estou enviando um cordel para que se for possível publicar na revista.
Atenciosamente,

Dalva Nogueira de Souza

A casa da dor.

No chão, encaro a rachadura do banheiro. Sempre esteve ali, uma fissura entre os azulejos brancos. “Minha mãe nunca vai consertar isso”, penso. Essa frase diz tanto. O chão frio me abraça no momento depois do tapa; do soco. Eu costumo me jogar no chão, em busca de segurança; acolhimento. Do chão frio eu não passo. No chão, talvez ele desista... afinal, no chão já não há mais defesa, certo? Geralmente é o que acontece. Às vezes, ele desfere um chute, só para saciar sua sede de dominação. Eu espero a cartada final, ansiosa pelo depois; onde eu tento recolher o que escorreu da minha autoestima. Choro desesperadamente, escandalosamente. Não tanto pela dor física em si, mas para sobreviver – o choro é o escape da raiva por mim mesma.

Me sinto um saco de pancadas; igual ao que meu pai pendurou na área livre do barracão. Era para o filho descontar a raiva em outra coisa. Uma pena meu pai não compreender que o filho dele gosta de descontar sua raiva na coisa que tem rosto, sonhos e personalidade. Na coisa que sou eu, deitada no chão. Encarando o teto. Respirando e questionando, ingenuamente: “por que é esse o lugar que eu mais gosto em toda a casa?

Estranhamente, eu sobrevivi por anos, depois de cada golpe. Eu sobrevivi porque meu choro anestesiou o sentir por uma década; pareceu durar uma vida. Eu não sabia se haveria um depois. Mesmo porque, eu achava que a violência era lugar de merecimento. Ledo engano. Ninguém merece ter a identidade dirimida por vozes ecoando: Puta. A culpa é sua. Você traz o pior para esta casa.

Mas há um depois do abuso, sabia? Há o cessar desta contingência, desta realidade frígida. Eu sobrevivi para desfrutar desse cessar. Existiu o depois de fundir-se ao chão, de se enxergar na rachadura que nunca é consertada. Agora, o medo é outro: o que acontece no posterior? Se a violência não é o que me define, o que é, então? Se eu não sou o saco de pancadas, eu sou o quê? Escuto vozes diferentes agora... que me dizem, incessantemente: inteligente, mulher forte, capaz. Vai voar por aí, num bater de asas único. Linda, suscita o desejo espontaneamente. Uma raiz atada ao chão, que nenhuma mão consegue derrubar, arrancar. Vozes alheias, não entranham no âmago da minha dor. Vozes com toda a razão – escute-as, ainda que o chão continue a ser seu lugar preferido da casa.

Izadora Laner



As cartas que eu não mando.

Estava revendo um seriado inglês e uma das falas (a minha favorita) me pareceu apropriada para começar essa carta. Me senti descrita:

"Você sabe amar melhor que qualquer um de nós. É por isso que acha tudo tão doloroso."

A personagem a quem essa fala se destina, que supostamente saberia amar melhor, se parece muito comigo, na verdade. Cabelos curtos, decidida e simultaneamente perdida em suas emoções; acima de tudo, ela é transparente. Tudo o que sente e pensa está estampado na sua cara, em suas expressões e falas. Essa última característica é o que me deixa em desvantagem perto de você e a qualidade que mais admiro em mim mesma: vulnerabilidade é o berço do amor genuíno e da criatividade, mas assusta quem tem medo de sentir.

Quando eu te conheci, me encontrava no auge da vulnerabilidade, me sentindo exposta; revirando uma gaveta de memórias muito dolorosas, limpando a bagunça e guardando uma a uma de volta. Tenho consciência de que dividi coisas muito confusas contigo no início, até sinto um pouco de vergonha de alguns diálogos. Mas foi dentro dessa confusão que percebi o quanto o companheirismo é um valor essencial na minha vida. Companheirismo me fez falta nos momentos mais cruciais da minha história, de um modo que você jamais vai entender; foi isso que eu procurei em nós. Hoje eu não sei se procurei em vão ou está escondido por aí, debaixo do medo, do tempo errado. Não faz diferença saber a resposta.

Quando eu te conheci, te achei tão confuso e difícil de entender. Permaneci nessa proximidade por dois motivos: O primeiro, por curiosidade. Me sentia atraída pelo que não entendia da sua mente e que parecia tão inacessível. O segundo, porque mergulhar de cabeça no seu mundo trazia recompensas novas: estar perto de ti me fazia rir, me sentir inteligente e admirada. Mesmo com todas as faíscas e você constantemente na defensiva, seu jeito de me olhar é impagável. Um dia eu ainda vou segurar um espelho na sua frente, para perceber quanto amor põe nos olhos ao me encarar e sorrir. True Story. Só falta babar. Sem romantismos.

Eu permaneci, mesmo sofrendo, até entender você; ou a parte que me cabe entender. Li teus livros e te vi escrito ali, em uma noção de realidade emocional diferente da minha. Uma noção onde você me enxerga como uma ameaça à sua individualidade. Eu sou a pessoa supostamente capaz de puxar seu tapete e destruir uma visão de vida que é o seu chão, construída como uma fortaleza, em um período muito doloroso (eu imagino) da sua experiência com o luto. A idealização da individualidade como o caminho da felicidade plena. Eu me aproximei demais e te fiz sentir o que tenta evitar.

O problema é que, por isso, sempre que eu entro no seu mundo, saio com um pedaço faltando. Gradualmente, conseguir o companheirismo que me é tão valoroso tem me custado muita energia. Você recolheu esse companheirismo aos poucos, até não sobrar quase nada. Agora eu não tenho mais energia para te dar e NADA do que eu diga ou faça vai mudar sua opinião sobre mim. Nada vai te fazer enxergar que eu não tenho o menor interesse em roubar sua individualidade – eu já tenho a minha. Imaginei, equivocadamente, que o fato de eu ter me mantido por aqui, do seu lado até agora, já deixaria isso claro.

Não me leve a mal, eu sei que sou importante para você. Caso contrário, não teria tanto medo de mim como diz ter (ou medo de me perder). Mas eu acho que essa amizade só tem cutucado uma ferida que dói em nós dois. Todas as memórias vão continuar aqui; o amor que sobrou eu vou guardar. Mas eu preciso deixar essa ferida cicatrizar.

Lembra de mim por todas as risadas, conversas malucas, cafuné, abraços e carinhos. Lembra que a gente já quis fazer um documentário, viajar e assistir mais mil filmes na companhia um do outro. Lembra dos seriados que eu te recomendei tantas vezes. Lembra do livro que eu te dei e tem até uma dedicatória tão brega quanto essa carta. Lembra do dia em que secamos uma garrafa de vinho péssimo no portal da pizza e, em meio a muitas histórias engraçadas, prometemos continuar amigos. Me mandou mensagem no dia seguinte, feliz de me ter feito rir. Lembra das discussões também, porque foi na pior de todas que você me disse o seguinte:

"Você é tão importante pra mim que se todo mundo dessa cidade estivesse num navio, naufragando, e eu só pudesse salvar uma pessoa, eu salvava você." Para mim, esse é só um jeito torto de dizer que ama. E tá tudo bem... o ser humano é tão complexo que fala mais por metáforas e comportamentos que por discursos objetivos.

Lembra que eu tentei, mas agora eu preciso cuidar mais de mim.

Izadora Laner

As arvores são como os peixes

As árvores são como os peixes.
O desfile das árvores nuas
Ninguém escuta as raízes acoturnadas
Os membros decepados expõem olhos cegos, caiados
Vigiando centenas de autos.
Seus dedos virando cortiças: tão leves
São os seus necrológios anônimos.

Mantos em cinza bem escuro
Tapando poros: as árvores anti-gregárias em suas cores
Vestidas no peso plúmbeo impenetrável.

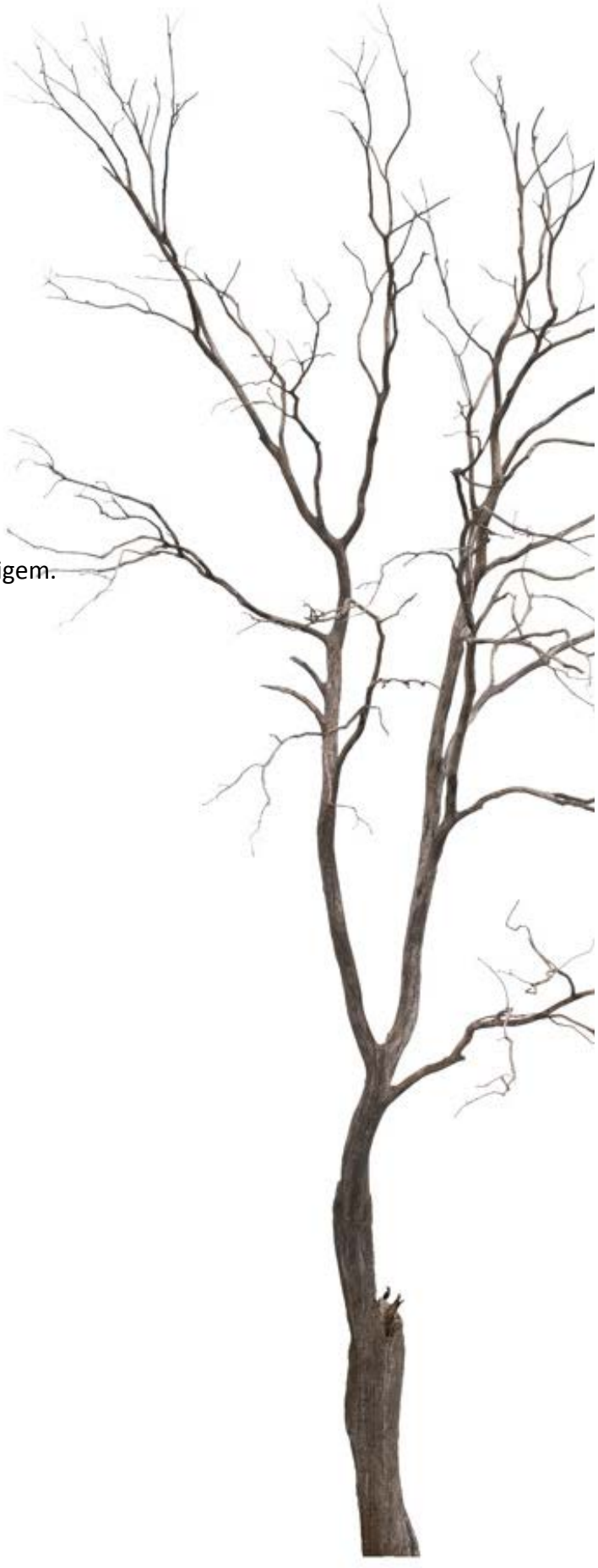
É o desfile das árvores inertes nas cidades.
Árvores armadas como tropas russas. Os seus uniformes de fuligem.
Prisões nos asfaltos e calçadas
Sob a vigilância dos muros pichados
Entoando a poética dos silêncios.

Mata-fome, Cacau bravo, Craibeira, Moringa, Mororó...
Ipês, Sombreiros, gliricídias...
Controladas, solitárias, imóveis!

Só se mexem nas tardes de outono
Quando os ventos singram as ruas e varrem memórias
Roubando folhas alaranjadas: em sangue.

Movem-se ainda as quase-árvores
Com os pássaros nas alturas
Se apertando com suas cloacas quentes
Para enganar, em silêncio – a guarda da alma das florestas -
O drible da dormência das sementes duras.

As árvores são como os peixes.



Izadora Laner

Itabira: pedra que brilha no meio do caminho

I.

De pedra em pedra alicerço minha poesia

II.

De seixos silenciosos

Sob o mar aberto de toda aventura

Rasgo o desconhecido.

III.

Imito-me nos seixos

E sou, pequenos pães na paisagem da fome

Inscrições antigas do homem

Semeados lacunares, vazios

Na velha poeira do tempo

Na nuvem seca das tardes.

IV.

Esfumando veredas e estradas

As terras tostadas

Gritando involuntárias os repetidos ecos

Nas gargantas! Nos boqueirões largos! Nas serras... Serras!

V.

Lá vai o poeta

Com a vista larga, a voz frágil e distante

Os ombros estreitos

E o mundo.

VI.

Lá vai o poeta

Devagar, divagando

Olhando as borboletas, pensando o homem de ferro

Escondendo garranchos, escrevendo no barro

E no bolso (os minúsculos gafanhotos do tempo)

Os tantos nós e os nós cegos

Como pedras

No cordão da memória.

Lá vai o poeta!

VII.

Lá vai o poeta

No aceiro da esquerda

Com a boca seca (a alma lavada)

Brincando com as palavras.

VIII.

Lá vai o poeta

Entre troncos, galhos (encurvados como as palavras, quase sem fim)

No cerrado do mundo

IX.

Lá vai o poeta, lá longe (vai o poeta)

Se equilibrando na vida

Se esquivando da morte

No espinho de luz da poesia

X.

Lá vai o poeta

No vão do mundo

Tecendo segredos e dores

XI.

Lá vai o poeta

Catando besouros, sexos nas moitas, anotando sobre cores

Guardando olores em frascos, memórias

Presságios, passamentos.

XII.

Lá vai o poeta

Na estrada gauche da vida

XIII.

Lá vai o poeta

No plano exíguo do descaminho

Na luz terna do seu parto

Na fadiga dos olhos senis

Na força da pedra brilhante

No minério insone da vida.

XIV.

Lá vai o poeta

Achando a vida na vida

Na dureza de metal dos percalços

Na ferrugem do corpo.

XV.

Lá vai o poeta

Achando o mundo no mundo

A pedra de toque do mundo

Burilada em cuneiforme.

XVI.

Lá vai o poeta

Com seu discurso concreto

Tateando o largo do tempo

XVII.

Uma pedra (murmurou o poeta) é uma coisa só

E não tem nome uma pedra

É invólucro de si mesma, uma pedra

É invólucro aberto e não tem porta

Nem janela, nem rasgo, qualquer fresta

Por onde se entra, por onde se sai

Sem vestimenta a pedra, nua

Não tem casca

De miolo nada tem, nem idade

Nem círculos no cerne (tem cerne?)

XVIII.

Pedra, pedra mesmo que é pedra, é silêncio

Não tem cérebro, não tem voz

Pedra é interdito atroz

Da vez, de voz da voz

Voz dos passos, das pegadas, dos rastros

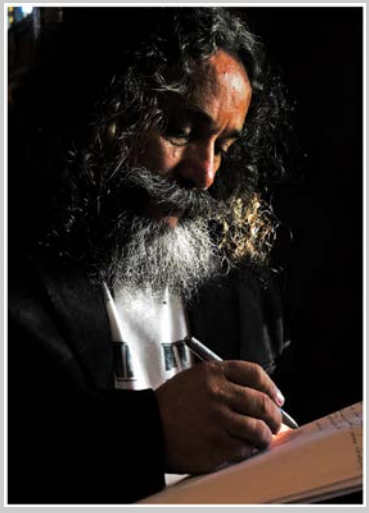
Pedra solta, solitária pedra

No meio do caminho.

XIX.

No meio do caminho havia uma pedra

Sob o signo cósmico das poeiras.



17h08min

10/10/2018

Josafá de Orós

A Carlos Drummond de Andrade

Aquele dia...

Como poderia esquecer aquele dia? Aquele lindo dia em que matei uma pessoa pela primeira vez. Lembro-me nitidamente do choque que senti por matar alguém, mas lembro-me melhor ainda da alegria, excitação que senti por ter matado.

Foi dia 07 de abril de 2020, o comemoro como se fosse meu aniversário. Bem, de fato, foi um renascimento para mim, o nascimento da verdadeira Eu, o começo dos meus melhores dias.

O bendito que matei foi Marcos de Souza. Invadi sua casa, não me lembro porque o matei. Apaguei tudo o que foi anterior àquele dia de minha memória. O esperei em seu quarto com uma faca. Não sei quanto tempo fiquei ali, perto da porta de madeira clara daquele quarto azul. Quando notei, Marcos me encarava, assustado, com as mãos para frente, como se para me afastar. Coitado, nunca conseguiria.

Não me lembro se brigamos, se dissemos algo – sei lá, imagine algo você mesmo –, apenas lembro-me de Marcos aos meus pés, imóvel, em meio a uma poça crescente de sangue.

Como era linda aquela cena! Me regozijo apenas de lembrar do sangue saindo de sua barriga, peito e coxas. Fiz um belo trabalho e, como todo bom artista deixei minha assinatura, passei em meus lábios, um batom vermelho sangue e beijei seus lábios, tinham gosto de ferro, mas... quem se importa?

Até hoje faço isso, é tão bom! Maria de Lima foi com um facão, Fernando Demassias foi com uma tesoura, Vladimir Araújo, o “Vlad”, foi com uma estaca, irônico, não? Agora, Melissa Piazato será com um espeto de churrasco. Devo lhes contar, depois obviamente, o que fiz com estes últimos quatro?

Autoras: Giovana Palazzo Colpo, estudante, vê na Literatura uma forma de retratar as ímpares representações que inferem de forma historiográfica, lúdica e verosímil no processo de fazer-se entender metonimicamente através de seus personagens e suas situações vivenciadas, Assim, suas problemáticas da vida cotidiana dão lugar a comunhão com o real versus o imaginário.

Marcia da Luz Leal, Professora de Língua Portuguesa e Espanhola/Bacharela em Hotelaria
Colaboradora nas Revistas:
Revista Sures- (Revisora técnica) Brasil- 2020- Brasil-

Revista Duc in altum- 2020- Brasil-

Revista El Almacén- 2020- Peru-
Revista Literária Pluma-2020- Buenos Aires
Revista Literária Perro Negro de la Calle- México
Livros publicados:

Coordenadora e Revisora- Lixo o que fazer? Apoio e Premio Itaipu Binacional- 2002- Brasil;

Revisora- Contos da Fronteira. Histórias do Cotidiano Policial Militar na Fronteira- 2007- Brasil-

Revisora, (Contos)- Livro e Projeto Literatura em Movimento- 2010- Brasil- Editora Guilherme Campos;

Autora do Livro- Percepção Ambiental, Prática dos 3 R’S na Hotelaria- 2019- Latvia, European Union-

Colaboradora, Produção de Capítulo do Livro: Vozes da Educação- 2019- Brasil- Editora Diálogo Freiriano;

Colaboradora no Livro: Parem as Máquinas: Conto, Poesia, Crônica (Antologia), 2020- Brasil- Selo Off Flip-

Há tempo?

O tempo parou, dizem

Mas o tempo está na minha barba volumosa
Nos meus cabelos nunca tão crescidos
Na curva que não achata
Na linha que sobe inclinada

Foguete cruel movido a estatísticas mórbidas
Potencial para ser exponencial
Mas pode ser que o tempo tenha parado
Sem abraço, sem beijo, sem paz, sem contato
Talvez eu verseje sobre o campo minado lá fora

Sobre o silêncio e o medo

Sobre as embalagens encharcadas de desinfetante

Ser ou não ser infecto, a agonia dos quinze dias sempre renováveis

A janela, à janela

Vou versejar sobre a amendoeira que dança em câmera lenta ao ritmo do vento

Sobre o sanhaço que cisca na antena parabólica

Sobre a beleza indiferente do céu azulado, amarelado, arroxeado

Enquanto fico sem saber o que foi feito do tempo

Vou versejar sobre o que o tempo (ou a ausência dele) não alcança

Flavio Sanso

Flávio Sanso é autor dos livros A base do iceberg, Viva Ludovico e A vida é um sorvete derretido

Estranha nostalgia

Há ideias que surgem e de repente se vão. Nessa manhã, por exemplo, uma ideia lhe impregnou na cabeça e não pôde resisti-la. Deixou as lembranças dominá-lo por algum tempo. Incomodado e ao mesmo tempo eufórico e cheio de excitação, deixou seus pensamentos viajar no tempo, bem distante, lá na sua infância, com uma extrema urgência de resgatar as velhas lembranças que subitamente o aprisionou naquele instante, naquele segundo em que viu um sapo ao sair de sua casa. Ele estava morto, aliás, quase morto, pois ainda mexia as perninhas, olhou só uma vez para o animal e pronto! Ficou gravada aquela imagem na sua cabeça. Tinha boas lembranças de sapos, mas nunca assim atropelado e se mexendo.

Lembrou-se de uma garota que conheceu que se parecia com um sapo, não exatamente tal anfíbio. Na verdade, ela tinha um jeito de sapo. O jeito de andar, os olhos grandes talvez. Mas não era o seu jeito de andar, nem os olhos que o impressionava, era o de falar. Ela falava com o som raspando entre a garganta, a língua e os dentes, os sons emitidos eram a junção de muitos erres. Não sabia por qual razão achavam que era som de sapo na lagoa, que não tem nada a ver com os erres pronunciados, porque o som mais próximo emitido pelo sapo é "coach, coach". Falavam que ela era um sapo estrangeiro, por isso a razão dos erres. Os sapos brasileiros fazem coachs e os estrangeiros com muitos erres. Coisas de crianças usando muitas imaginações.

Cada palavra que dizia, um som de "erre" saia de sua garganta. Era um som arranhado, meio abafado, indiscreto, mórbido, saindo pausadamente, reflexivos. Ela não dizia nada com sentido imediato, mas subjetivo. Quando estavam conversando sobre um assunto que ocorrera na escola, ela dizia: "porrr falarrr nisso, minha mãe arrancou uma barrrata brranca dentrrro do rrrádio...".

Não entendia porque ela desviava todos os assuntos para bem longe e ainda dizendo: "porrr falarrrr nisso...". Ninguém estava falando nada daquilo, isso o irritava momentaneamente.

Agora se lembra porque a comparavam com sapo, não era o som, mas era sua condição espiritual. Ela representava um anfíbio sem rabo, solitário na lagoa, camuflado, porém inteligente. Aparentemente a única coisa que o sapo faz é ficar com os olhos bem abertos, arregalados, imóvel, tímido e ousado, temeroso em ser descoberto, porém à mostra, sem se esconder, destemido, com sua boca serrada, à espreita, parecendo que jamais irá se abrir, mas de repente em segundos a sua língua elástica sai na disparada daquela boca disfarçada e engole um inocente inseto que estava hipnotizado, ali perto, parado sem entender os porquês dos seus coachs. Achou que esse inseto era ele naquele tempo, embriagado pelo som dos erres dentro das diversas histórias contadas. Pensou que o propósito daquela híbrida era influenciá-lo com uma verdade que ainda não tinha.

Seu nome era Clarice, a esquisita. De repente, assim do nada, ela chegava, ficava parada enquanto Bernardo conversava com alguém. Primeiro ela os olhava com seus grandes olhos arregalados, imóveis, parecia que ouvia pelos olhos. Depois, aparentemente sem saber do assunto, começava: "porrr falarrrr nisso...". Era um festival de temas variados que ela relatava, relatava. Coisas que pareciam sem sentido para a consciência, mas com sentido para o inconsciente. Só ela falava. Ficavam só ouvindo sem acompanhar direito as suas histórias de tão estranhas e tão intrigantes que eram. Como aquela que contava sobre os pensamentos da barata branca ao ser descoberta por sua mãe. Todos ficavam absorvendo, estáticos. Todos "insetos". Ela os dominava, e eles não sabiam bem o porquê deixavam ser dominados. Achou que havia um poder exercido sobre os mesmos porque simplesmente não se moviam. Ficavam ali parados, sem reagir, sendo apenas lentamente devorados por suas palavras, encantados

pelo som dos erres, sofrendo, aflitos e imóveis. Era um incômodo momentâneo que se dissolvia rapidamente ao sabor das histórias, que quase sempre não eram completamente entendidas no momento contado, mas à noite enquanto lá fora os sapos faziam suas canções, seu subconsciente as traduziam aos poucos, era - mágico, inspirador - a parte que o fascinava. Sempre que Clarice contava suas histórias, Bernardo sentia que sua mente era roubada naquele instante e premiada após.

Ela não era feia, só estranha, às vezes estava mais bonita do que o dia anterior, só conservava os olhos sempre iguais; grandes com espessos cílios quase postiços, encantador. Seus assuntos quase sempre eram sobre o cotidiano, porém não só Bernardo, mas todos eram sequestrados por ela. Ela os atraia, engolia suas mentes, com sua língua falante e os seduzia. Por fim, quando já dominados, ela os deixava e corria para outro grupo. Sentia-se esgotado, sem energias, mas de certa forma satisfeito, uma estranha satisfação de ser alimento de uma fada estrangeira. Todos, discretamente a comparava com um sapo, porque tinham admiração e medo, mas não se fazia piadas por isso, pois temiam perdê-la.

Agora sabe que Clarice era bruxa e só agora que era um sapo disfarçado, uma fada sedutora. Pensou: "Por onde anda Clarice?". Tem saudades daquela embriaguez, daquele aprisionamento, daquele sentimento de escravo protegido, liderado, daquele envolvimento, daquela liturgia, daquele encantamento sem a verdade absoluta.

Hoje deseja ser livre, mas por um instante, só um instante, almeja ser prisioneiro, ser hipnotizado por ela, para distanciar-se da sua verdade arranjada, do politicamente correto, dos seus afazeres, da responsabilidade que o mantem cativo. Desejava ver Clarice, permanecer estático diante dela, dominado, sem pensar em nada, absolutamente nada, só em se submeter ao encantamento.

Essa Clarice agora possui tentáculos, é uma aranha maléfica que domina toda a sociedade; é o oposto da primeira, é maligna, não o seduz apenas para mantê-lo apaixonado, como numa brincadeira de esconde-esconde ao sabor das histórias enigmáticas. Engana-o consciente, sem disfarces. Todo o dia o oprime, fazendo tomar diversos ansiolíticos que dão efeitos colaterais insuportáveis. Procura, demasiadamente, fugir dessa verdade adquirida, engessada, sem saída que o subjuga o tempo todo e não dá aquela sensação de prisioneiro protegido. Apenas a sensação de condenado a caminho da pena de morte, prisioneiro do sistema, das contas, do capitalismo.

Tão somente neste momento, olhando para aquele sapo, desejou a prisão sedutora e silenciosa de Clarice, que lhe dava imensurável prazer. Não sabia o seu sobrenome, mas pensou em Lispector.

Oswaldo Dourado

Minibiografia

Sou professor de História, formado pela Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande/MS. Iniciei no magistério em 1991. Em 1999 passei no concurso para o cargo de professor de História em Três Lagoas. Ao longo dos anos escrevi quatro livros e algumas poesias.

A DERRADEIRA VIAGEM

Três horas da tarde... O sol escaldante de outubro, hoje, castiga mais que de costume. É um calor no limite do suportável, causa um imenso desconforto.

Dentro do ônibus, com poltronas quentes, sensação de incômodo, o roçar do plástico nas pernas, o suor teimoso, o cheiro acre de corpos ávidos por banho, tudo torna a viagem ainda mais cruciante. Nem as crianças param! O burburinho e a movimentação excessiva das pessoas provocam um desassossego no espírito que não sobra nem disposição para me concentrar na leitura.

A cada cinco minutos o ônibus para. É um sobe e desce sem fim. Em cada parada, a nuvem de poeira que sobe dos pneus em contato com a terra vermelha da estrada, envolve o ônibus, entra pelas janelas, e a situação chega a ficar desesperadora. O negócio é distrair a mente, tentar pensar em outra coisa...

Reparo na mulher sentada ao meu lado. Bem mais de cinquenta anos e, observando pelo semblante, não está nos seus melhores dias. De aspecto consumido, amargurado, frágil. Alguma coisa lhe aflige... Puxo conversa. Falo do calor, do atraso das chuvas, e ela, dificultando o acesso, sussurra algumas coisas, completando as respostas com leves gestos e meneios com a cabeça.

De pouca prosa, uma pessoa incrivelmente humilde. Humilde na acepção completa da palavra: nos modos, na fala, no traje, e deixa transparecer também humildade de condição humana. Acho mesmo que está bem perto do miserável. Os pés enfiados em chinelos de borracha bem gastos, as roupas tristemente descoradas, as mãos enrugadas, calosas, unhas carcomidas. Fisicamente é um trapo! Mas o que mais me aflige são seus olhos! São terrivelmente descrentes, pedintes, sofridos.

Queria tanto falar com ela! Mas como?! Sou tão sem expediente! A viagem será relativamente longa, e apesar da pouca conversa, consegui descobrir que vamos para o mesmo destino.

Noto que está remexendo a sacola. Que será que procura? Olhe só, é um rosário! Será que está com medo da estrada? Vou novamente tentar falar com ela. Se for medo, posso distraí-la, e até mesmo confortá-la!

Inútil... Recostou a cabeça, cerrou os olhos, mas sei que não está dormindo. Está rezando... Sei disso porque passa as contas do rosário por entre os dedos. Rezo uma Ave-Maria e cronometro o tempo. É o mesmo espaço de tempo que ela leva para passar os dedos de uma conta a outra.

A viagem segue... Agora, além do burburinho torturante que não me deixa concentrar na leitura, ainda existe esta preocupação a me martelar os miolos. Queria tanto falar com ela! Pelas minhas contas já rezou o terço duas vezes. Continua com a cabeça reclinada e com os olhos fechados. Seus cílios estão úmidos... Tenho certeza de que sente vontade de chorar, de soluçar. Ou será que está chorando?! Chego a ficar irritada diante do cerco que ela criou, e mais irritada ainda diante da minha impotência.

Engraçado! A mulher deve ter adormecido. Já não corre mais as contas do rosário pelos

dedos. O sono é mesmo mágico! Olhando agora, seu semblante não tem aquele amargor de antes, há uma aparente leveza nos traços do seu rosto. O corpo está relaxado, solto. Balança quase que suavemente, apesar dos solavancos do ônibus.

A estrada está uma lástima! Não sei se pela falta de chuvas, mas a terra muito batida deixa as imperfeições do terreno mais salientes. Talvez seja o excesso de calibragem dos pneus. Sei lá! Só sei que pula tanto que fica difícil equilibrar o corpo sobre a poltrona.

Maria Santíssima! Que sono profundo tomou conta da minha parceira! Nem se incomoda com o balanço do ônibus. Balanço é um termo muito suave, brando demais para descrever a situação. Na realidade mais parece um galope!

Acho que agora consigo ler um pouco. Afinal, minha preocupação não tem mais razão de ser. A parceira dorme calmamente, não me incomoda, não estou aflita.

Arre! Ainda bem que estamos chegando! Já se pode ver a cidade lá adiante... É muito bom chegar.

Fecho o livro, guardo-o na bolsa, passo um pente nos cabelos. Olho do lado. Minha parceira ainda dorme.

– Senhora!

Toco-lhe o braço de mansinho para não assustá-la. Coisa horrível é acordar sobressaltada!

— Senhora, já chegamos!

Incrível a profundeza do sono! Inércia abissal! Não consigo acordá-la...

— Senhora, por favor, acorde! Já chegamos...

Meu Deus, ela não acorda! Fico apavorada. O sono está muito estranho, já a sacudi de todas as maneiras. As pessoas percebem a minha aflição, devo estar com a voz alterada! Em segundos, várias pessoas se juntam tentando acordá-la. Minha angústia cresce, percebo que não está apenas dormindo, algo mais sério está acontecendo! Esta aflição explode quando um homem, que após ter tentado acordá-la, diz:

— Está morta! Esta mulher está morta!

Afundo-me no banco. Um gosto estranho na boca, uma sensação de fragilidade extrema, de desamparo, de incredulidade, um vazio imenso. Perdida em meus pensamentos não me atenho ao que se passa em redor. É muito confuso, vejo muitas pessoas, um corre-corre danado, vozes alteradas, todos falam ao mesmo tempo, todos querem vê-la, alguns se benzem...

Quando dou por mim, o banco ao meu lado está vazio. Ela se foi... Já havia ido mesmo! O sono é irmão da morte. Que morte santa! Será que foi quando seus dedos pararam de correr as contas do rosário?! Será que foi a morte que lhe deixou a feição mais leve?! Como não percebi... Por que não fez um sinal, não exalou um gemido, não pediu ajuda? Coitada, tal vida, tal morte. No banco, ainda amarfanhado pelo peso do seu corpo, entre as duas poltronas, o rosário caído. Ela mesma se abençoou...

— Dona, o ônibus vai pra garagem! A senhora precisa apear...

Regina Ruth Rincon Caires

Supressão

Um dia suprimiram palavras da Bíblia, mas por não termos acesso às palavras sagradas, elas se foram. De concílio a concílio, de Papa em Papa e assim restou o que acharam ser mais útil a doutrinação.

Um dia vários homens decidiram suprimir o ir e vir de seu semelhante e o escravizou. Sob ameaças muitos e muitos viveram sem conhecer a liberdade e em condições sub humanas foram humilhados até a morte.

Um dia, nações inventaram armas para com seus exércitos suprimirem as terras de outras nações. Muitos povos foram subjugados, massacrados e toda sua dignidade retirada.

Um dia, covardes travestidos de cidadãos de bem decidiram suprimir o direito das minorias e dos mais fragilizados. Assim o feminicídio, a homofobia, o racismo, a xenofobia e outras barbáries são cometidos sob o véu de uma hipocrisia justificável.

E de dias em dias nossos direitos vão sendo suprimidos. Retiram sem dó. Cada qual pensando somente em si. Sem pensar no coletivo; no irmão que ainda está por vir.

Um dia alguém tentará suprimir nosso direito de amar; e aí será tarde... pois nosso direito universal, nato e divino, será extirpado, e de dias em dias será esquecido.

E um dia não muito distante a palavra supressão não mais existirá, pois não haverá mais o que suprimir. E assim andaremos nesse chão como homens-bicho, sem saber para onde vamos ou de onde viemos.

Renato Rivello Amaral

São José do Calçado – ES

e-mail: renatorivelloescritor@gmail.com

TEL: 21-98841-1624

Biografia:

Renato Rivello Amaral, carioca, quarenta e dois anos, morando atualmente na pacata e inspiradora, São José do Calçado no Estado do Espírito Santo. Estudante Rosacruz, técnico em Radiologia, apaixonado pelas filhas Rannya e Rayanne. Cultiva desde criança uma paixão pelos livros. Autor do livro de poemas Solilóquio Antes e Depois da forca e já foi premiado em concursos literários pelo Brasil e publicado em Coletâneas e Antologias.

...na deprê
iniciação do dia
folheio às
pressas meus
desprazeres...

...acordo descalço
entre roseiras
afiadas no sutil
odor...

...escrevo poemas
que ficarão
guardados
em gavetas
escancaradas...

...e na memória?

só pegadas...

...tudo fora

depositado em

vãos...

...entre o ir e o

vir dos dias,

esqueci de

pendurar as

roupas no varal...

Ricardo Dantas

Clichê do refrão

Sou sujeito
objeto

UM

P
O

E
MA

CONCRETO

Tentando rimar
luz com escuridção
Muitas memórias
olhar em construção

Um erro primário
na palavra perdida
em meu dicionário

posso falar de amor
sem falar de emoção
mas
na minha música
eu só não quero

o clichê do refrão
o clichê do refrão
o clichê do refrão

o clichê do refrão 3x)

Eu poderia falar
em se moderno
em adotar
conceitos
etérios

mas
na minha música
eu só não quero

o clichê do refrão
o clichê do refrão
o clichê do refrão

o clichê do refrão 3x)

Wilson Inacio

A Arte de te Amar

Em uma cidade do interior de São Paulo o homem mais apaixonado e rico também observa sua amada a nadar na piscina de águas quentes de sua mansão, deleita-se em seus contornos, os lindos cabelos dourados, belíssimas pernas e seios impressionantes.

Amadeo sai do transe em que se encontra, quando lhe é anunciada a chegada de Rui, ele pede licença à esposa e se encaminha para a sala da biblioteca.

Rui:

-Boa tarde meu grande amigo, estou ansioso por saber o que quer de meu talento.

Amadeo: Sei que a minha fama de amar demais minha esposa lhe é conhecida, teria como desenhá-la olhando-a por apenas uns segundos?

Rui: Meu talento lhe é conhecido também, mas eu teria que encontrar uma mulher com as mesmas características de sua esposa.

Amadeo: Assim eu aceitaria, pago o que for preciso.

Combinado, amanhã às 15 horas retorno, para que ela possa se preparar. Rui é encaminhado até a porta de saída.

No dia seguinte volta à mansão, Amadeo apresenta o móvel e as peças que usaria com a modelo e Rui a orienta como fazer:

Retiraria toda a roupa e daria uma volta diante dele, em seguida deitaria no móvel na posição escolhida pelo casal. Bastava, seriam alguns poucos segundos.

No dia seguinte resolveu ir a uma cidade do interior, escolheu Águas de Lindóia, famosa pela beleza feminina.

Andou pela cidade sem nada de efetivo, almoçou e já estava desanimando quando passou por ele uma linda jovem, estonteante quanto Aline. Seguiu-a com os olhos.

Entrou em uma cafeteria e sentou, estava sozinha.

Rui entrou em seguida e aspirando o cheiro do café elogia a cafeteria pela qualidade dos grãos.

Pediu para servi-lo e sentou-se próximo à moça, comentou que estava à procura de uma pessoa para trabalhar em seu ateliê e perguntou à caixa se sabia de alguém.

Após o café sai e senta-se no banco da praça em frente à cafeteria. Quando

a moça saiu percebeu que estava querendo perguntar algo para ele, aproveitou-se da situação e foi ao seu encontro.

Rui: Vejo que você quer perguntar sobre o trabalho que falei com a caixa da cafeteria. Sim, respondeu a doce senhorita.

Pois saiba que eu quis aguçar a sua curiosidade porque você seria perfeita para função.

Como assim perguntou? Sentaram-se na praça e ele expôs o trabalho, mostrou-lhe algumas fotos de obras suas e falou sobre o ótimo cachê.

No dia seguinte ela vai ao ateliê para conhecer o ambiente, explicou-lhe a posição, e como usaria o biombo para que ela se despisse.

As peças da roupa que vestia eram jogadas sobre as divisórias e, as que vestiriam sumiam uma a uma, sabia então que ela estava pronta, disfarçava falando com ela sobre as cores e a dificuldade do tom de pele enquanto ela se posicionava do jeito que a tinha orientado, cheguei próximo a ela, adrenalina começa a ser jogada em minha circulação, mas tinha que ser profissional, estava fascinado pelo seu belíssimo corpo, depois de vinte e um dia de trabalhos ele a deixou descansando por oito intermináveis dias enquanto não chegava o resto do material, pagou-lhe a parte combinada.

Após os dias de descanso, ansioso aguardava pela Aline que já fazia parte de seu coração, transformara-o em um jardim.

Rui só a olhava, já a via desnuda mesmo sem fazê-lo, sonhara oito dias com a repetição da mais fascinante visão, tão delicada como o aroma do café que tinha unido seus caminhos.

Atrás do biombo, longe de seu olhar apaixonado, a via retirar da parte superior do biombo peça por peça da roupa que usaria, mas naquele dia, era diferente, apesar da provável nudez as peças permaneciam ali, olhava para a cortina e devagar surgiam delicados pés, em seguida, mas lentamente o joelho, a coxa, o bico dos seios, sabia que estava sendo seduzido, sorrindo apresentou-se por inteira, e jogou-se nos braços do jovem pintor, que louco de amor, paixão e desejos entregou-se aos braços da flor que desabrochara regada pela saudades certamente.

A Santa da Cachoeirinha

Valter Resende

A primeira vez de qualquer coisa é sempre mítica. Primeiro beijo, primeiro dia de aula, primeira trepadinha, e tantas outras primeiras vezes que fazem com que nossas vidas deixem de ser apenas nascer e morrer. Para uma pessoa rica que nunca sentiu o quão duro o pau da vida bate nas costas, as primeiras coisas boas vem muito antes do que para aqueles que balançam no trem todo o dia para ir buscar o sustento. Por exemplo, o filho de um abastado vai comer lagosta pela primeira vez assim que puder ingerir sólidos. Já o rebento de um fudido, corre o forte risco de cruzar a vida inteira sem ter a oportunidade de degustar o crustáceo. Ah vida madrasta! Dito isso temos a premissa que por motivos de obviedades colossais, um rico vai se divertir com muito mais intensidade e precocidade do que um desgraçado de um pobretão.

Mas a vida está aí para ser gozada, e não é por falta de dinheiro que um despossuído vai ficar sem entretenimento, e uma das opções de lazer mais baratas são as praias, que não se é cobrado para desfrutar dos prazeres da areia e do oceano. Mas isso não é tão simples assim, na verdade até é para quem mora em cidades como Rio de Janeiro e Recife, que tem o Atlântico lambendo a cidade. Mas para os moradores da periferia de São Paulo, os 90 e tantos quilômetros que separam a cidade do litoral sul, é uma distância proibitiva para quem não tem carro e possui pouca grana. Mas "a esperteza é a arma do pobre", e até os anos 90 quando as prefeituras do litoral proibiram o que eu vou falar, havia uma instituição da periferia paulista que consistia em organizar uma excursão de baixo custo com vários lascados que lotavam um ônibus fretado, e apontar a proa do veículo sentido litoral, onde a galera passaria um dia de diversão nas areias da Baixada Santista.

Corria então o ano de 1990, e o jovem Caetano de 14 anos aguardava impaciente os dias que o separavam da sua primeira ida à praia. Ele era morador da Vila Nova Cachoeirinha, região periférica da Zona Norte de São Paulo. Desde criança ele queria conhecer o mar, mas seus pais nunca o levaram por conta do dinheiro que envolve uma operação desta. Então Caetano teve que esperar até que tivesse o seu primeiro emprego de office boy – sim... naquela época era legal se trabalhar com 14 anos -, juntar uma grana e comprar um assento no busão da excursão para a Praia Grande. Que alegria! Chegado então o grande dia e Caetano acordou às quatro da manhã num domingo de fevereiro e foi para o local onde os populares se reuniriam para a partida do ônibus. Estava dado o pontapé inicial naquela experiência, a aguardada primeira ida dele a praia dele.

Caetano se uniu ao grupo que eram todos conhecidos do bairro. Velhos, crianças, um pastor evangélico, traficantes e outros representantes da tão fantástica fauna e flora suburbana estavam ali. O concierge da excursão era o Seu Conrado, um italiano da cidade de Ancona que se meteu nos anos 60 com a máfia iugoslava e teve que meter o pé para o Brasil. Ele deu aos viajantes o briefing de como deveriam se comportar. Não poderiam colocar a cabeça para fora das janelas, quem vomitar teria que limpar, respeitar as mulheres, mas se a mulher não fizesse questão do respeito o sexo no ônibus estava proibido, era vetado o uso de drogas e maconha, não mostrar a bunda na janela, não cagar no banheiro, e uma séries de outros itens inquisidores. Exatamente às 5h30, o ônibus liga o motor e a excursão sai toda lépida. A turma do fundão já puxou um pagode fundo de quintal, e a percussão era feita nos bandos e no que mais da estrutura do ônibus se desse pra bater. Começaram a brotar garrafas de batidas de coco e amendoim, frascos plásticos de pinga com limão, e um Tupperware genérico com bolo de fubá. A festa praiana teve seu início ainda na Marginal Tietê e foi se intensificando a medida que o álcool ia escorregando pelas gargantas às sete da manhã. A viagem no busão que tinha pra lá de 20 anos, demorou muito mais do que o esperado, e com uma quebra e outra, só foi chegar na Praia Grande lá pelas dez horas. No momento da chegada muitos membros daquele êxodo periférico, não tinham a menor condição de desfrutar as benesses do Reino de Iemanjá, pois estavam tão bêbados que ficaram dormindo no ônibus. Já os sobreviventes, saíram correndo porta afora, afinal o dia tinha que ser aproveitado de maneira intensa. Ah minha classe baixa... fonte inesgotável de emoções e fácil contentamento.

Aquele realmente foi um dia e tanto para os membros daquele passeio, com direito a muito banho de mar, horas de sol sem proteção, churrasco de coxao duro com churrasqueira improvisada com blocos roubados de uma construção, farofa de ovo e muita.... mas muita ingestão de álcool que não era um scotch de maior idade. E não foi só a praia que foi introduzida na vida de Caetano naquele dia, aquela fantástica experiência envolveu também mais uma primeira vez, a avant-première dele nas bebidas alcoólicas, com seus 14 anos. Dona Dita que estava preparando uns drinques, ofereceu

a ele um copo de caipirinha que foi aceito sem hesitar. Caetano ficou ao lado da amiga mais velha vendo o drinque ser preparado, quando um jato de limão que estava sendo espremido, acertou o peito nu do garoto. Ele nem ligou, mas a sabedoria periférica de Dona Dita o advertiu. “Menino vai lavar isso, pois se o Sol pegar onde o limão caiu, vai te fazer uma queimadura que vai dura 23 dias e 24 noites”. Caetano pegou sua bebida e cagou contêineres para o conselho. Bebeu a caipirinha e foi jogar futebol, nadar, comer churrasco e tantas outras coisas que um dia de praia pode oferecer a um fudido. Chegou então o deadline da excursão, e às cinco da tarde, todos se reuniram para embarcar de volta no ônibus. Que fantásticas foram aquelas primeiras experiência.

Já sentado na sua poltrona e com o busão em movimento de volta a quebrada, Caetano começa a sentir um ardor no local onde o limão havia caído. Pôs-se a pesar que talvez pudesse ter sido uma boa ideia ter seguido os conselhos de Dona Dita, mas era demasiado tarde e Caetano seguiu cantando o setlist de sambas da volta da viagem. O ônibus chegou então na Vila Nova Cachoeirinha, e a legião de turistas da baixa renda desce do coletivo com o corpo ardendo em brasa, devido a falta de filtro solar. Mas foda-se... o que é a dor inclemente da camisa encostando na pele comparada a alegria daquele dia. Caetano chegou em casa ainda embriagado pela estréia na praia. Enquanto tomava um banho, ele notou que o local onde havia caído o suco de limão estava muito vermelho, inchado e dolorido, e o rapaz logo notou que teria problemas, afinal a queimadura com suco de limão, uma das grandes instituições periferia, moléstia essa que eu duvido que ataque os rico, estava ali se manifestando.

A segunda-feira dá as caras no subúrbio, e Caetano se levanta às cinco para ir trabalhar, mas colocando a camiseta em frente ao espelho, ele nota que o ferimento no peito está bem pior. Bolhas cheias d’água se formaram durante a noite, e aquilo doía só com o peso da roupa. Bem... fazer o que... os boletos da empresa que ele trabalhava de office boy não seriam pagos no banco sozinho, e lá foi Caetano para a lida. Durante o dia todo a dor só aumentava, e ele sempre olhando a ferida e notava que as bolhas ficavam maiores e com mais água. A noite quando ele chegou de volta em casa, já peidava de tanta dor e tomou uma resolução severa, ele iria furar as bolhas na tentativa de aliviar o sofrimento. Ele foi até a caixa de costura de sua mãe e pegou uma agulha que foi esterilizada na chama do fogão. Deu-se início ao procedimento cirúrgico vazando as bolhas que já eram enormes. A cada furo, se esvairia junto com o líquido a dor do rapaz, e no final já não havia mais agonia. Os dias se passaram e o ferimento deu lugar a uma mancha escura de muitos traços. Caetano nunca parou para observar o desenho da sequela e seguiu a vida, mas em um certo dia de calor em que ele estava em casa sem camisa, sua mão fixou os olho na marca no peito dele e disse: “_ Nossa filho, você fez uma tatuagem de nossa senhora. Não gosto de tatuagem, mas essa ficou linda”. Ele pensou... Tatuagem? Nunca nem cogitei em fazer uma tatuagem. Então Caetano foi até um espelho e vislumbrou a estampa no peito direito. Era difícil de notar a imagem de uma santa com um manto e um bebê no colo, mas quando se via, a imagem impregnava os olhos com tantos detalhes que não dava mais para deixar de perceber. Era a mãe de Jesus que estava ali impressa na pele, e Dona Francisca, mãe de Caetano, era como se estivesse presenciando um milagre regido por Deus... Uma benção que tocou a vida do seu filho... Puta que pariu!

Dona Francisca extasiada, ligou para a sua irmã Júlia para contar o milagre conferido a família. E não foi só a irmã que foi avisada da maravilha divina, pois a Xica ligou para todos os parentes de vários graus, amigos e inimigos. Curioso que ela espalhava o milagre imputando a ela um pecado capital, o da soberba, pois a cada comunicado ela puncionava a glândula da inveja de cada um que a ouvia, pois a Divina Providência estava abençoando apenas o filho dele, e foda-se as crias dos que eram informados da notícia. Era Deus e Diabo juntos a cada telefonema. No final do dia, depois de horas de ligações, um surpreendente número de pessoas já sabiam da benção, e não demorou para que esses populares fossem checar pessoalmente o milagre de razões cítricas. Cada um que chegava na casa de Caetano, queria ver, tocar e até se ajoelhar na frente da sagrada grafia da cútis do rapaz. Uma procissão rumou para a residência dele para ver a santa, e os romeiros não se contentavam em apenas ter o contato com a imagem, pois eram feitos muitos pedidos para o rapaz, súplicas estas que eram sempre oriundas da condição de baixo IDH, como pedidos para o marido cachaceiro parar de beber, para conseguir dinheiro para encher a laje do puxadinho, entre outras súplicas de pobre. Oh minha doce periferia... um verdadeiro baluarte de poemas e desgraças.

Os dias foram passando e a notícia se espalhava mais que difteria. Então em poucas semanas, até ônibus fretado chegavam na casa de Caetano. Foi ai que o inevitável aconteceu, e toda uma economia parasitária se instalou em frente a casa, com vendedores de churrasquinho de gato, barracas de bebidas, batata frita com maionese e queijo

ralado que cheirava cueca de mendigo, entre outros geradores de divisas. Outra prestação de serviço que surgiu, foi uma pequena agência de viagens que o Seu Conrado criou. O PIB daquela rua deve ter triplicado. A comunidade evangélica da Cachoeirinha como já se previa, repudiou toda aquela concentração de fé. Até um padre católico se manifestou dizendo que era charlatanice, mas quando Dona Francisca que já era naquela altura era a gestora daquela operação de fé, disse que 15% dos lucros das barracas seriam revertidos para a paróquia dele, e o padre até começou a fazer uma missa por semana em frente a casa de Caetano.

Os meses foram passando, até completar um ano que o jovem Caetano era o suposto veículo de Deus, que exibia para todos os devotos da nova santa, que já era chamada de Nossa Senhora Do Peito Nu, e havia rumores que tramitava no Vaticano um processos de beatificação, pois naqueles doze meses já se acumulavam alguns milagres como a cura total da catarata da Dona Evangelina. Que benção!

Economia da rua aquecida, milagres processados e devotos felizes. Mas nem tudo era alegria, pois Caetano estava entrando em um abismo de depressão. Para ele toda aquela situação era de plástico e ele não acreditava em nada daquilo. Muitas vezes ele tentou acabar com tudo, mas a sua mãe sempre dizia enquanto contava cédulas que ele tinha uma missão na terra entregue a ele por Deus. Os últimos cinco meses haviam sido uma tortura para ele que não era de fato religioso, mas se sentia culpado por aquela farsa travestida de dádiva. Caetano já não trabalhava mais de office-boy, e dedicava todo o seu tempo a enganar aquela tigrada que aparecia todos os dias na casa dele.

Mais um ano havia se passado e a depressão foi subindo em fade no pobre Caetano. O aniversário de dois anos da aparição da Nossa Senhora do Peito Nu iria ser a data da inauguração de um santuário erguido a toque de mão de obra quase escrava em um terreno doado por um devoto. Muitos metros quadrados para abrigar fé e cobiça. Caetano amanheceu na véspera enfadonha da inauguração. Ele já não morava da casa simples de antes, e sim em um sobrado recém construído na mesma rua, que de tão bacana poderia facilmente ter sido erguido em um bairro chique de São Paulo que não contrastaria com as outras casas. Ele iria com sua mãe até a Vila Olímpia, para fazer a última prova da sua túnica nova desenhada por um estilista famoso entre os novos ricos. Mas no último instante, Dona Francisca disse que não poderia ir mas que o motorista o levaria. Caetano desceu na rua para pegar o carro, mas enquanto esperava, um antigo amigo que minha em uma moto CG 125 que não parecia ter uma boa integridade legal, parou e cumprimentou o colega. Os dois conversaram sobre o presente e passado, o motoqueiro fez questão de frisar o hiato econômico do antigo para o novo Caetano, e o jovem sacerdote não se orgulhou muito disso. Jeferson (nome do amigo motoqueiro) ofereceu uma carona para o Caetano, que titubeou no início, mas acabou subindo na garupa da moto que rumou para a zona sudoeste da cidade. O intrépido piloto da bicheira foi rasgando a Av. Inajar de Souza com o farol queimado apontado para a Marginal Tietê, que logo foi alcançada e o cabo do acelerador enrolou mais ainda, afinal o amor pela velocidade e a falta de medo de se ouvir o ruído de um fêmur se partindo, é uma constante paixão na mente de um jovem da periferia... a minha doce periferia.

Caetano agarrado na parte de trás do bando daquela bosta de moto, sentia naquele momento um reencontro com a vida que havia sido destituída dele há dois anos, e seus olhos se encheram de brilho depois de meses de opacidade. Ele começou a gritar no ouvido de seu amigo que queria mais... mais velocidade naquela 125cc. Jefferson concordou e acelerou mais a moto no meio do corredor. Quando os dois estavam embaixo da Ponte do Piqueri, o destino resolveu provocar novamente, e fez com que um Chevette troca-se de faixa bloqueando o corredor. A moto entrou a 90 km h na porta do carro e os dois foram projetados por cima do hatch da GM, e na aterrissagem os dois saíram ralando-se no asfalto por uns bons 15 metros. Quem estava ali, conseguia ver no asfalto a trilha de pedaços de camisetas, bermudas, pele e sangue que os dois deixaram no asfalto. Feio de se ver. Caetano já em pé, começou a fazer um levantamento dos danos corporais, e constatou que tinha um dedo torto e muitos ralados pelo corpo, e o maior deles era bem no peito onde estava o Santa impressa. Sim o asfalto abrasivo e impiedoso, havia arrancado toda a imagem milagrosa da Nossa Senhora do Peito Nu. Que tragédia!

Mais seis meses se passaram. Caetano voltou a trabalhar de office-boy e teve que se mudar para a casa antiga. A mãe dele hoje o odeia, e foi viver em Foz do Iguaçu com o Seu Conrado, aplicando pequenos golpes na Ponte da Amizade. Oh minha majestosa periferia! Berço de ascensões meteóricas e derrocadas brutais. O vida filha da puta!

Silêncio.

No silêncio do meu interior olhava a folha dançar com o vento da varanda do quarto, o sol já se apresentava e os pássaros a tempo alegravam o novo dia, esperava a inspiração chegar para escrever mais algumas frases do romance que tinha tudo a ver com a solidão do momento.

Quando a inspiração não vinha vagava pelas ruas da pacata cidade de Angústia que margeava a rodovia sem fim, que diziam desembocar nas matas da Amazônia, mas que nem em pensamentos chegara ao fim da dita lonjura.

Nas portas da cidade a palavra Esperança embaixo do estranho nome da cidadela, que não tinha mais que vinte e um mil habitantes.Destes, metade nasceu ali e outra foi se achegando por sua confortante paisagem e tranquilidade, era uma população bastante madura , mas que mantinha a alegria da juventude em seus pés e mãos.

Não viviam da saudade dos bailes de fundo de quintal, mas ainda os realizavam, no âmago de suas lembranças remoídas por tanto tempo nos meses que se passaram, mas que não tiraram a força dos pés que a idade já lhes tentava roubar.

As experiências trocadas e os sussurros de aventuras que não eram poucas, fazia com que o ânimo fosse se instalando em cada alma. A sede pela vida social que toma conta de todo ser vivo - não só os homens e mulheres, mas também a flora e a fauna - era palpável em cada olhar, e todos exploravam a realidade que apesar de diferente dava a todos esperança de viver.

Comentavam sobre animais rondando as casas que outrora nem se sabiam ter na região e aprenderam com a história que o silêncio faz revelar a intimidade do ser e da natureza também.

Mesmo no silêncio do quarto esses passeios aconteciam, ao silenciar a alma para o repouso as lembranças de suas andanças e descobertas diárias queriam ir para o papel, mas até a inspiração tem direito ao descanso, e as palavras doces têm que se deixar envolver pelo silêncio.

Percebi-me ainda mais distante do mundo que me cerca, sai de uma metrópole repleta de caos, onde escrevi sobre as loucuras do ser humano, para uma cidade de interior que se calava diante das incertezas da vida, deixa-se levar por prosas e versos de quem não versava sobre o bem comum, e sim sobre o egoísmo do ser. E daí vim para está cidade de estranho nome a fim de deixar a minha alma de escritor versar sobre o que lhe era própria, o amor.

Não o amor pela individualidade, versando apenas por uma primeira paixão, mas por todos que as tiveram e guardam em si a experiência única que os acompanha em cada um dos olhares que cruzarão o seus caminhos.

Não do amor pelos próprios filhos, tão imenso como a dor de perdê-los um dia- que assim não seja, é o desejo de todo pai- mas, pelo amor dos pais pelos filhos, imensurável mesmo quando regado à discórdia, o último suspiro sempre será a seu favor.

A quietude da alma que faz do silêncio seu modo de viver, que faz da reflexão seu modo de amar, é ao mesmo tempo a razão da inquietude do agir, mesmo no silêncio do ser está sempre em busca do outro, de confortar e pronunciar palavras de amor. Movido a palavras de esperança leva um pouco de si em seus versos, quem os lê sabe do tamanho de seu amor, quem os rasga sabe de sua dor, mas ao rasgá-los iguala-se em tristeza, pois se enfrentasse guardava no coração e na gaveta de lembranças que fizeram seu passado um caminho a ser refletido para que o presente não a desafie novamente a cair em mesmos erros.

Sentado na lanchonete de Dona Padu observa as cenas de pessoas chegando após tanto tempo, abraços ainda tímidos, mas com tanto calor que este aquece a caneta em mãos, barrada seu deslizar pela folha somente porque o lanche que pedira chegara à sua mesa, o cheiro não lhe tira a inspiração, mas deixa em segundo plano e a esconde em meio a seus desejos que até a noite se tornarão em frases, e estas certamente em lembranças.

Sérgio Ricardo Carvalho

AMARELO

Sempre é dia do amarelo, sempre é dia de dizer o que está acontecendo, sempre é dia de olhar nos olhos e poder ver o outro, sempre é dia da vida.

Dizer eu te amo, não passa de palavras ao vento, quando não são combinadas com ações que traduzem essas palavras. Então ame verdadeiramente, "o amor é muito raro, para ser sentido em vão"(Guilherme de Sá).

Você é importante e não está sozinho! Lembre-se, sua família pode ser falha, mas nada poderá superar o amor que existe ali. É na família, que encontramos todo o apoio e amor necessário para ficarmos firmes e continuar caminhando. Ame sua família e permita que ela te ame, este é o bem mais importante e valioso da sua vida.

Amarelo é todo dia, pois todo dia é dia de se amar e ser amado, sempre existe uma saída.

Gabriel Coutinho

Um passarinho compõe sua canção,
Pega sua folha e caneta,
Põe se no galho a pensar

Olha para o céu gigante e azul
Se assusta com o vento ou a chuva,
Não sabe sobre o que expressar

Queria escrever uma canção sobre voar,
Mas o pouso sempre lhe pareceu
Mais cativante

Olha para uma serpente camuflada,
Escondida na grama linda e apaixonante
Sente compaixão por ela

Pensa em lhe compor um soneto
Para alegrar a alma, ou
Para desfazer um inimigo

Logo para de se perder em seu mundo,
Percebe se em um meio real....
Sai de sua profundidade

Vê belas frutas em outra árvore,
Pula, deseja saborear o que novos galhos
Podem lhe oferecer

Num piscar de olhos .....

Já é fim de tarde, está perdido no infinito pôr do sol,
Que logo findará.
Ainda se pergunta, sobre o que expressar?

Eterniza o sol em sua memória,
sem deixar a lua em segundo plano,
A contempla por igual, mas,
Com outra intensidade

Vê um gato brincando com uma pedra,
Feliz no simples jogo repetitivo,
Vê humanos amargurados, olhando para o mesmo gato.
Fecha os olhos, sorri.

Por fim, guarda o lápis e o papel,
Volta se ao céu, e, arquejando,
Branda um canto qualquer, mas.....
Que vem lá do fundo

Passa enfim,
Sua poesia ao mundo.

- Soares, Vinicius

O mundo encantado de Lozen.

Néri estava olhando fixamente para uma pequena luz, Talita curiosa demais foi ao encontro dela, ambos correram atrás a fim de pegá-la, passou a ser uma brincadeira com a qual se entretiveram no quintal da mansão que os mantinha longe das crianças de mesmas idades que elas; ao longe adultos as vigiavam por ordem dos pais distantes que estavam sempre ocupados em seus afazeres.

Cansadas sentam-se no gramado e a pequena luz emite um som que elas compreenderam de pronto, Néri a pega na mão e segura firme a irmã, alçam voo para o infinito sob os olhares desesperados dos seguranças.

Tocado o alarme da casa, pais e a avó que cochilava no sofá indiano saem a questionar o acontecido.

Molile: O que houve ?

Petero: Seus filhos foram levados por algo que não foi possível ver, ambos de braços dados alçaram voo e sumiram rapidamente no horizonte em direção ao sol.

Miriades: Que loucura estão dizendo, isto não existe.

Petero: Nunca ouvimos falar, mas é o que aconteceu, não pulariam muros a nossa vista, mesmo porque são seis metros de altura.

Em minutos a polícia chegou à mansão, passaram a investigar minuciosamente o local. Nada foi encontrado de estranho, nenhuma pegada, mas negavam-se a crer no acontecido.

Entre as nuvens a pequena luz pede para que a solte, já não havia perigo de caírem, estavam seguros.

Néri: O que é você?

-Sou uma pequena fada, me chamem de Mirani.

Talita: Fada? Onde você vai nos levar?

Lozen pediu para resgatarmos crianças que se sintam abandonadas e levá-las até ele, quer propor uma vida nova cheia de encantamentos.

Talita: Queremos conhecer Lozen, mas e a mamãe, o papai e a vovó que vive cochilando no sofá?

- Se os amam saberão que é melhor para vocês a aventura de serem o que desejam ser, conheçam Lozen e decidirão.

Néri: Somos muito pequenos para decidir, mas o passeio está ótimo, vamos adiante.

Mirani à frente e ambos de braços abertos, por vezes rodopiando alegremente davam gargalhadas que não eram ouvidas por ninguém, assim era na mansão de onde saíram, não se importavam se riam ou choravam.

Gritem bem alto, riam, só não chorem, onde vamos não há motivo para isto.

Sem se preocuparem com o tempo e nada entendendo divertiam-se, assim deveria ser a vida: apenas vivê-la, os adultos preocupam-se demais e esquecem os tesouros que correm pelos quintais.

-Em poucos segundos como dizem avistarão a terra de Zen, lugar onde se reunirão meninos e meninas que sentem-se como objetos de adorno nas casas dos pais.

Talita: E onde fica?

-Naquela direção, a direita do cometa, aquele maravilhoso ser de caldas.

Os irmãos viram surgir do nada uma pedra enorme com uma grinalda de noivas extremamente branca.

Néri: De onde veio?

Mirani: Do cofre de surpresas de Lozen, ele os manda para indicar o caminho à Terra de Zen, só a vemos quando chegamos bem perto.

Foi só falar e apareceu à frente deles uma grande área verde, de imediato viram rostos e braços em árvores que se divertiam jogando os animais de galhos em galhos, neste momento esqueceram de sua vida e desejaram estar ali.

Na mansão a preocupação só aumentava, havia passado vinte minutos desde o desaparecimento e os policiais não sabiam o que fazer, mas pensaram em alguma forma de sequestro e pediram para ficar atentos aos celulares.

Neri entretinha-se com borboletas que falavam sobre a alegria de voar entre árvores e sobre os rios, Talita conversava com uma flor que explicava para ela quão difícil é ficar em um só lugar tendo um mundo todo para explorar. Talita concorda, mas diz:

-Mesmo assim és muito bonita, alegra-te a mostrar-te aos animais e às majestosas árvores que se divertem com eles.

-Alegro-me sim, mas queria mais.

Talita: Sou pequena ainda, mas já quero mais também, aqui tudo é tão lindo, mas papai e mamãe devem estar preocupados.

-Sem dúvida que estão, chama-me de Roster.

-Olá Roster, onde fica o Lozen?

-Ele está em todo lugar, mas nunca se sabe onde.

Talita: Como assim?

-Conhecendo-o entenderá.

Divertiam-se quando chegam crianças às dezenas, todas se divertiam de imediato.

No alto da árvore uma figura inusitada, uma veste laranja que mais parecia de um rei das histórias que ouviam e com botas pontiagudas.

Do alto uma voz quase infantil:

Crianças perdidas, vocês estão na terra de Zen, sejam bem vindos!

Aqui vocês se divertem, nada mais.

Há árvores e animais, há grutas e muito mais,

Os doces já estão sendo feitos, e os sorvetes quase prontos.

Espalhem-se por Zen e verão que a alegria os fará companhia, nada de preocupações, não se deixem levar por emoções, façam a vida valer a pena.

Londim: Todos estamos gostando, sei que sim, basta ver a alegria no rosto de cada um, mas para sempre é muito tempo para nós, não podemos apenas nos divertir e depois voltar para casa?

Muitos disseram que eram a favor do desconhecido, outros aquietaram-se.

Lozen: Divirtam-se, na hora dos doces conversaremos mais.

Dito isto a folia estava feita, voos baixos ou altos, incansáveis brincavam com animais e plantas, borboletas e pássaros, e quando descobriram que as águas tornavam-se em forma de gente e pulavam sobre elas a festa ficou ainda mais gostosa, entre a sujeira das terras presas na única roupa que tinham e as águas das brincadeiras do rio que corria atrás delas chegou a hora dos doces tão esperada, ...ao ver a mesa feita...

Talita: Quantos doces, quantas delícias, mamãe não vai se importar que eu coma um pouquinho de cada um.

Setenta e três lugares, mesa imensa que não estava ali, certamente vinha do cofre de Lozen.

Todos sentados, chegaram as fadas que brilhavam e cantavam baixinho enquanto as crianças se deliciavam.

Depois de tantas delícias o silêncio.

Minutos depois o toque da trombeta que anunciava perigo na Terra de Zen.

Sem nada entender, mas percebendo que havia algum perigo as fadas levaram os meninos perdidos para um local seguro.

No alto uma nave avermelhada era recebida por Lozen, de seu interior surge Ractaz que desajeitado como é fala com estranhos sons, mas pelo que viam o líder os entendia.

Lozen: Protegerei a todos com a minha vida, se querem estamos sempre prontos para a batalha.

Ractaz: Queremos apenas algumas delas, não precisamos guerrear.

Lozen: As escolhemos minuciosamente, mandei as fadas buscá-los, estão sob meus cuidados, nada as retirará de mim.

Ractaz que já havia lutado com Lozen sabia que não seria fácil tirar dele qualquer das crianças, a mais mirradinha que fosse.

Evadindo sem qualquer conflito, deixou a Terra de Zen.

Todos voltaram a sentar-se na mesa em seus lugares e ouviam os desejos de Lozen que eram os deles também.

Sentiam-se protegidos e amados, divertiam-se, o que mais iriam querer?

Seguiram-se os dias e o tempo já não era mais contado apenas as brincadeiras recheadas de doces.

Enquanto isso na mansão, cinco minutos depois os policiais voltaram aos seus lugares a espera de novidades, os celulares não tocaram ainda, mas achavam que certamente haveria negociação.

Dias e minutos, tudo se misturava, cada segundo vivido na mansão era um tempo longo na terra de Zen onde reinava a alegria.

Nas terras de Zen as crianças são sempre crianças, nada de ver o tempo tomar conta de seu modo de ser, os tempos contado na Terras em segundos lá são dias, meses anos. Mas quem não acolhe a cada instante àqueles a quem deveriam amar não são dignos de fazê-los dos dias e anos que seguem, as crianças crescerão tristes e insatisfeitas enquanto que em suas terras a felicidade é sempre plena. Não duvidem crianças! Venham para as Terras de Zen.

Sérgio Ricardo Carvalho



Próxima edição - outubro / 2020

dartelondrina@gmail.com

insta @dartelondrina